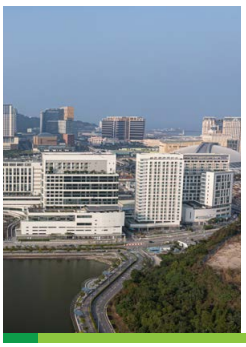
#97 ▸ **MARÇO 2024** · 0871-004X

Macau 澳門

AGARRAR O FUTURO

NA ESTRATÉGIA DE DIVERSIFICAÇÃO ECONÓMICA DE MACAU, A INDÚSTRIA FINANCEIRA MODERNA POSICIONA-SE COMO UM DOS PILARES DE CRESCIMENTO





HOSPITAL DAS ILHAS

Um marco na saúde de Macau

FABRICANTES CHINESAS TRIUNFAM NO SEGMENTO DOS CARROS ELÉCTRICOS



MACAU BATS LEVA PAIXÃO DO RÂGUEBI AOS MAIS NOVOS



ISSN 0871-004X

MACAU **MOP30** ▸ HONG KONG **HKD30** ▸ INTERIOR DA CHINA **RMB30** ▸ INTERNACIONAL **US$4**

澳門大賽車博物館
MUSEU DO GRANDE PRÉMIO DE MACAU
MACAO GRAND PRIX MUSEUM

Sintam o
Museu do Grande Prémio!

Adquira o seu bilhete
no museu ou online

https://eticket.macaotourism.gov.mo



Add : Rua de Luís Gonzaga Gomes n.° 431, Macau
Webside : mgpm.macaotourism.gov.mo

Macau 澳門

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | **FAX** (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA
Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA
Amélia Leong

EDITORES EXECUTIVOS
Ana Costa Macedo, Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | **FAX** (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR
Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
Ashley Chou

TIRAGEM
500 exemplares

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

ISSN
0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:
FACEBOOK INSTAGRAM TWITTER

App da Revista Macau disponível em:
DISPONÍVEL NO Google Play
Descarregar na App Store

Website:
www.revistamacau.com.mo

Fotografia da capa: Direitos Reservados



FOMENTAR A DIVERSIFICAÇÃO ATRAVÉS DA INDÚSTRIA FINANCEIRA MODERNA 8

As finanças são uma das indústrias-chave no âmbito da diversificação adequada da economia de Macau. Até 2028, há várias medidas a implementar para estimular o desenvolvimento de um sector moderno e inovador

---



COMPLEXO HOSPITALAR DAS ILHAS: FUTURO DA SAÚDE COMEÇA AQUI 18

Prestar mais e melhores cuidados de saúde, formar quadros locais e alargar a oferta turística entre as prioridades da nova instituição



DE PRÉDIO EM PRÉDIO NAS CÂMARAS DE DRONES 24

Start-up Logic Lift aposta na inteligência artificial e nos drones para garantir a segurança das edificações em Macau



ENTREVISTA

MICE OFERECE MAR DE OPORTUNIDADES 42

Maior competitividade da região traz novo ímpeto para o sector das convenções e exposições da RAEM, diz Irwin Poon Yiu Wing, presidente da Associação de Convenções e Exposições de Macau



(Re)descobrir a arte de Lok Cheong 58

Vida e obra do conceituado artista de Macau para ver em exposição no Museu de Arte



Academia de râguebi com fulgor renovado 70

Com quase uma centena de jovens, Macau Bats dá garantias de futuro à modalidade

OUTROS TEMAS

30 ÓLEO MEDICINAL CHEONG KUN, DA PRAIA DO MANDUCO PARA O MUNDO

34 CARROS ELÉCTRICOS CHINESES ACELERAM PARA LIDERANÇA DE MERCADO



48 FÓRUM DE MACAU A GUINÉ-BISSAU QUE FALTA DESCOBRIR

52 MEDICINA CHINESA GANHA POPULARIDADE EM MOÇAMBIQUE

64 FUTEBOL SELECCIONADOR DE MACAU TRAÇA "BALANÇO POSITIVO" DE REGRESSO À COMPETIÇÃO

+MACAU

+78 A cidade feita tela de Konstantin Bessmertny



+83 Yves Duron, uma vida de sabores e saberes



+86 Roteiro





© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Almoço oferecido pelo Chefe do Executivo a representantes da comunidade macaense

Ho Iat Seng insta macaenses a aproveitar oportunidades

O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, defendeu que a comunidade macaense deve agarrar com determinação o "pulso" dos tempos, tirando pleno proveito das oportunidades de desenvolvimento disponibilizadas por Macau. O governante defendeu ainda que a comunidade é uma parte importante da sociedade local.

As declarações de Ho Iat Seng foram feitas durante um almoço oferecido a representantes da comunidade macaense, que teve lugar no final de Janeiro.

Durante o evento, o responsável recordou que a construção da plataforma de cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa tem sido, ao longo dos anos, uma das prioridades do Governo. Neste âmbito, acrescentou, a comunidade macaense reúne vantagens linguísticas, culturais e históricas, podendo desempenhar um papel de relevo na promoção do território.

O Chefe do Executivo acrescentou que a realização da VI Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) está prevista para este ano. Ho Iat Seng disse contar com o forte apoio e participação dinâmica da comunidade macaense para o sucesso do evento.

SOCIEDADE

Nova fase de corredor ribeirinho arranca ainda este ano

O Instituto para os Assuntos Municipais (IAM) planeia avançar no final deste ano com a segunda fase do corredor verde da margem sul da península de Macau. O espaço de lazer vai ter uma área total de cerca de 60 mil metros quadrados, entre a Ponte Governador Nobre de Carvalho e as Portas do Entendimento.

O projecto vai incluir diversões para famílias, áreas de lazer e recreio, bem como espaços de interacção com a água e paisagem aquática, além de uma ciclovia. O objectivo é que a construção esteja concluída em dois anos.

O IAM diz esperar que o projecto possa proporcionar aos cidadãos um espaço multifuncional de lazer e recreio e, ao mesmo tempo, melhorar a paisagem costeira da cidade.



© IAM

URBANISMO



© DIREITOS RESERVADOS

Corridas de cavalos chegam ao fim

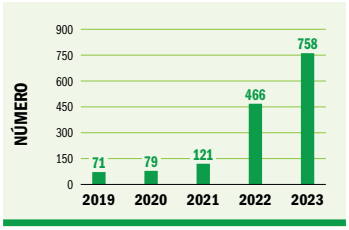
O Governo e a Companhia de Corridas de Cavalos de Macau, S.A. chegaram a acordo sobre a rescisão do contrato de concessão da exploração de corridas de cavalos, medida que vai entrar em vigor no dia 1 de Abril. A partir dessa data, cessam as actividades de corridas de cavalos no Macau Jockey Club, na Taipa, e os terrenos do hipódromo e as respectivas instalações revertem, a título gratuito, para a Região Administrativa Especial de Macau.

A actual concessão era válida até ao final de Agosto de 2042. No entanto, a empresa concessionária apresentou um pedido de rescisão do contrato, invocando dificuldades operacionais.

ENTRETENIMENTO

Autocarros públicos mais verdes

Autocarros movidos a energias amigas do ambiente



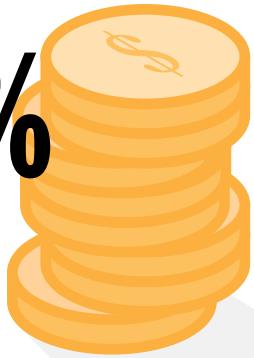
FONTE: DSAT

No ano passado, a percentagem de autocarros públicos movidos a energias amigas do ambiente ficou, pela primeira vez, acima da barreira dos 50 por cento (69,5 por cento). Entre 2020 e o final de 2023, o número de autocarros públicos movidos a gasóleo caiu quase dois terços, para 333.

GRÁFICO



0,94%



Taxa de inflação registada em Macau em 2023, mantendo-se estável face ao ano anterior

NÚMERO

"O Governo da RAEM atribui grande importância e apoia a formação de quadros complexos bilingues e qualificados nas línguas chinesa e portuguesa"

AO IEONG U

SECRETÁRIA PARA OS ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

FRASE



Regresso à normalidade

As ruas de Macau voltaram a estar repletas de turistas durante as festividades do Ano Novo Lunar, com o volume de visitantes a recuperar para níveis similares aos registados antes da pandemia da COVID-19. Durante os oito dias do período festivo, o território deu as boas-vindas a 1,36 milhões de turistas, com o terceiro dia do Ano Novo Lunar (12 de Fevereiro) a registar 217.541 entradas de visitantes, o segundo valor diário mais elevado de que há registo. FOTO © DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO



Mérito reconhecido

O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, presidiu em Janeiro à Cerimónia de Imposição de Medalhas e Títulos Honoríficos do Ano de 2023 da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), que teve lugar no Centro Cultural. Durante a cerimónia, o governante entregou distinções a um total de 28 individualidades e representantes de entidades locais, reconhecendo os seus feitos pessoais, contributos para a sociedade ou serviços prestados à RAEM. FOTO © GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



Premiar o sucesso

O ano de 2023 foi bastante positivo para o desporto local, com vários atletas em destaque. Em reconhecimento dessas prestações, decorreu em Fevereiro a "Cerimónia de Distribuição de Prémios e Certificados aos Atletas e Treinadores de Mérito de Macau 2023", durante a qual foram distinguidos com prémios pecuniários 111 atletas, bem como 28 treinadores, treinadores de formação e elementos técnicos de apoio. Foram ainda atribuídos certificados de mérito desportivo a 223 atletas, além de 75 treinadores e outros elementos técnicos. FOTO © INSTITUTO DO DESPORTO

DIVERSIFICAÇÃO ECONÓMICA

Indústria financeira moderna, um investimento de futuro

O Governo quer que o sector financeiro mantenha um peso na economia local acima dos 10 por cento nos próximos anos. A meta está definida na estratégia de desenvolvimento da diversificação adequada da economia da RAEM. Especialistas ouvidos pela Revista Macau consideram que o objectivo está ao alcance do território



Texto | **Marta Melo**

O CAMINHO para a diversificação adequada da economia da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) está definido e a indústria financeira moderna é um dos sectores–chave. A aposta encontra respaldo no âmbito da estratégia governamental "1+4" de diversificação adequada da economia.

Esta é uma das indústrias consideradas de desenvolvimento prioritário – em paralelo com as áreas da tecnologia de ponta, da "big health" e das convenções, exposições, comércio, desporto e cultura –, através do apoio do sector



© DIREITOS RESERVADOS

basilar do turismo e lazer. Assim se pode ler no "Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia (2024-2028)", aprovado no último trimestre do ano passado. Segundo o Governo da RAEM, a estratégia vai permitir "um futuro mais promissor" para Macau e possibilitar que, até 2028, as actividades não-jogo tenham um peso equivalente a cerca de 60 por cento no Produto Interno Bruto (PIB) de Macau.

No sector financeiro, o Executivo estabelece como trabalhos prioritários para os próximos cinco anos alargar o âmbito da indústria financeira, assim como optimizar e aperfeiçoar o software e hardware das infra-estruturas financeiras. O desenvolvimento do sector passará igualmente pelo reforço do regime de fiscalização e pelo desenvolvimento de projectos inovadores no âmbito da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

A Autoridade Monetária de Macau (AMCM) reconhece que a indústria financeira local ainda "consiste principalmente em actividades tradicionais". No entanto, "os sectores bancário e de seguros têm vindo a expandir-se em termos de activos e de dimensão", sublinha o regulador. Simultaneamente, tem havido um "reforço do grau de internacionalização" e um "enriquecimento gradual" do sector ao nível da diversificação de produtos e serviços.

"O desenvolvimento de um sector financeiro moderno pode dar origem a novas áreas de actividades financeiras, o que, por sua vez, aumentará o peso da representação do sector financeiro no PIB e no emprego de Macau", nota o organismo liderado por Benjamin Chan Sau San.

Sector de peso

António Félix Pontes, antigo presidente do Instituto de Formação Financeira, afirma que é "indiscutível" que o desenvolvimento do sector financeiro é determinante para o progresso da economia real de qualquer jurisdição. No caso de Macau, entende, a estratégia do Governo para a indústria está "correcta", existindo "boas potencialidades de evolução", argumenta.

> As leis fundamentais dos sistemas monetário e financeiro de Macau foram revistas no ano passado

Durante a pandemia de COVID-19, o sector financeiro mostrou resiliência e foi um dos menos afectados. Segundo dados oficiais da AMCM, em 2022, o peso do sector financeiro no valor acrescentado bruto de todos os ramos de actividade económica foi de 17,2 por cento contra 6,9 por cento em 2019. O sector superou mesmo o peso do jogo neste capítulo (15,2 por cento). Em Setembro do ano passado, o total de activos do sector financeiro atingiu 2,69 biliões de patacas, representando um aumento de 24,2 por cento em relação ao final de 2019.

No "Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da



A Autoridade Monetária diz que o desenvolvimento de novas actividades financeiras aumentará o peso do sector no PIB local



As finanças modernas são uma das apostas do Governo para promover a diversificação económica de Macau

Economia", o Governo realça que "a indústria financeira de Macau possui uma qualidade de activos estável, um rácio de solvabilidade estável, uma liquidez suficiente e uma boa rentabilidade, bem como um grau de internacionalização cada vez mais elevado". É a partir desta base que é proposto o alargamento do sector rumo a uma indústria financeira moderna.

Para os próximos anos, a meta é manter o peso do sector financeiro acima de 10 por cento do PIB. Para Henry Lei Chun Kwok, docente do Departamento de Finanças e Economia Empresarial da Universidade de Macau, o objectivo é "relativamente fácil de alcançar", dado o apoio do Governo Central no que toca à emissão de obrigações denominadas em renminbi em Macau, de forma a acelerar o desenvolvimento do mercado local. "O desenvolvimento contínuo da Zona de Cooperação Aprofundada em Hengqin e as medidas de apoio à mobilidade financeira transfronteiriça também podem ajudar os

sectores bancário e financeiro de Macau a expandirem a sua escala", acrescenta.

Também António Félix Pontes afirma ser "expectável" que o peso do sector financeiro se mantenha acima dos 10 por cento do PIB. Ainda assim, o economista nota que, "sobre o desenvolvimento do sector financeiro de Macau, os seus novos domínios vão demorar algum tempo a concretizar-se", sendo de esperar que, "nos anos mais próximos", continuem a ser os serviços financeiros tradicionais a ter ainda um maior relevo no PIB local.

Mercado de obrigações

Dentro dos domínios estratégicos para impulsionar o sector financeiro, o desenvolvimento do mercado de obrigações é uma das prioridades. Nesse sentido, pretende-se promover a conexão com os mercados de obrigações do Interior da China e a nível internacional.

Segundo a AMCM, o desenvolvimento do mercado de obrigações e das actividades de gestão de fortunas "contribuirá para o enriquecimento dos serviços existentes nos domínios de investimento e financiamento". O organismo sublinha que o estabelecimento de um sistema de supervisão do mercado obrigacionista e, mais recentemente, em Novembro do ano

Tecnologia ao serviço das finanças

O DESENVOLVIMENTO da indústria financeira moderna preconizado pelo Governo de Macau também contempla a área da tecnologia financeira. Um dos propósitos é promover o aperfeiçoamento dos serviços de pagamentos electrónicos e reconciliação bancária por parte das instituições financeiras. O Governo quer deste modo melhor responder às necessidades dos residentes e empresários, mas também fomentar o comércio através de serviços de pagamento integrados. O "Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia (2024-2028)" advoga ainda a adopção de novas tecnologias pelo sector financeiro, para aumentar a eficiência das suas actividades.

Nos próximos anos, o Governo pretende igualmente dar início ao debate sobre a viabilidade da introdução de um sistema de moeda em formato digital a nível local. No "Plano de Desenvolvimento", reconhece-se que os investidores globais consideram as moedas digitais "como uma forma de investimento"; no entanto, há alguns desafios, é referido. "A tendência para a utilização da moeda virtual para fins de branqueamento de capitais e financiamento ao terrorismo tem vindo a crescer, envolvendo riscos financeiros e de cibersegurança", pode ler-se.

Ainda assim, Henry Lei Chun Kwok, docente do Departamento de Finanças e Economia Empresarial da Universidade de Macau, afirma que a eventual introdução de uma "e-pataca" poderia contribuir para o desenvolvimento da indústria financeira moderna local. Tal poderia "reforçar o desenvolvimento do financiamento através da Internet, da segurança cibernética, e melhorar a inclusão/cobertura dos serviços financeiros", defende.

passado, a implementação de um regime de registo para a emissão pública de obrigações, "contribuíram para aumentar as iniciativas dos emitentes" no que respeita à emissão de obrigações em Macau.

Estão, entretanto, a decorrer trabalhos para actualizar as funcionalidades da Central de Depósito e Liquidação de Valores Mobiliários, entidade que fornece serviços de registo, depósito e liquidação de valores mobiliários, sendo uma peça-chave no mercado de obrigações local. O objectivo é interligar a central de depósito de Macau aos sistemas mundiais de depósito, de forma a facilitar "a participação das instituições internacionais no mercado obrigacionista de Macau, motivando-se a realização de transacções no mercado secundário", refere a AMCM.

Em dois anos de existência, mais de 100 instituições abriram contas na Central de Depósito e Liquidação de Valores Mobiliários, sendo que cerca de um terço delas eram entidades locais. Segundo declarações em Janeiro do presidente da AMCM, Benjamin Chan, o valor dos títulos de dívida depositados na central ascendia já a um total de 95 mil milhões de patacas, incluindo obrigações emitidas pelo Ministério das Finanças da República Popular da China e obrigações do Governo Popular da Província de Guangdong. Até ao final do ano passado, tinham sido emitidas ou cotadas 394 obrigações em Macau, com um montante equivalente a 600,6 mil milhões de patacas.



O Governo quer que o sector financeiro mantenha um peso na economia local acima dos 10 por cento nos próximos anos

"Dado o apoio do Governo Central, com o aumento da quantidade de obrigações em renminbi emitidas e negociadas em Macau, aliado ao estabelecimento de um mercado secundário líquido na RAEM, isso contribui para o desenvolvimento do mercado de obrigações, o qual tem uma posição de liderança no âmbito da indústria financeira moderna", sustenta o académico Henry Lei.

António Félix Pontes concorda que o mercado de obrigações será o segmento que pode ter "ascendente sobre os demais, mas só a médio prazo". "Tem as vantagens de criar uma fonte alternativa de obtenção de fundos e de reduzir a dependência aos bancos comerciais para o financiamento das necessidades de investimento ou de expansão das empresas", afirma. Para o

2,69 biliões de patacas

Valor total dos activos do sector financeiro de Macau no final de Setembro do ano passado

economista, o principal desafio no desenvolvimento de um mercado obrigacionista local reside na dimensão limitada do sistema bancário do território e respectivo apoio que pode fornecer.

Novas instituições financeiras

Importante para o desenvolvimento da indústria financeira moderna é a atracção de mais investidores e empresas do sector para Macau. A AMCM nota que, com a melhoria das condições e do ambiente de mercado, entre as autorizações concedidas nos últimos cinco anos, "existem 13 novas instituições financeiras recentemente instaladas em Macau". As áreas de actividade abrangem os pagamentos electrónicos, o financiamento e a locação financeira, a gestão de fundos de investimento e a negociação de activos financeiros. "Esta circunstância permitiu enriquecer mais o panorama financeiro de Macau e reforçou gradualmente a função do território enquanto plataforma de investimento e financiamento", defende o regulador.

Uma das áreas para as quais se pretendem atrair mais empresas para Macau é a gestão de fortunas. No "Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia", o Governo compromete-se a estudar a introdução de políticas de benefícios fiscais para impulsionar a instalação de sociedades de gestão de activos no território.

Este é o domínio apontado por António Félix Pontes como aquele que, "com grande probabilidade", se posicionará em segundo lugar no desenvolvimento da indústria financeira moderna local. O economista afirma, no entanto, que há que "acautelar os inerentes riscos



O segundo aniversário da Central de Depósito e Liquidação de Valores Mobiliários de Macau foi assinalado em Janeiro

© AUTORIDADE MONETÁRIA DE MACAU

de evasão fiscal e branqueamento de capitais".

Nas actividades cambiais transfronteiriças, a ideia é o alargamento das formas de negócio. O Governo quer estudar a introdução de uma plataforma para transacções de produtos financeiros "não padronizados", permitindo às mini-empresas do Interior da China e de Macau obterem suporte de capitais.

A locação financeira é outro domínio a promover. O "Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia" defende um aumento da divulgação das políticas em vigor na RAEM neste âmbito, procurando-se "atrair mais sociedades de locação financeira a instalarem-se em Macau".

600,6 mil milhões de patacas

Valor total das obrigações emitidas ou cotadas em Macau até ao final do ano passado

O futuro do sector financeiro passará também pelas chamadas "finanças verdes". No "Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia", refere-se o estudo de um sistema de subsídio para a taxa de certificação na emissão de títulos de dívida verdes, bem como a introdução de produtos de gestão financeira verdes.

Para Henry Lei, as finanças verdes "têm um forte potencial", dada a importância reconhecida à área da sustentabilidade. "É uma nova área de serviços financeiros em que Macau pode envolver-se, tendo o Interior da China como mercado principal, em linha com a transição económica e a transformação verde do país, para oferecer oportunidades de investimento e capital para investimentos e actividades inovadoras verdes", diz o académico.

Os desafios de diversificar

Sobre o caminho para o desenvolvimento da indústria financeira moderna, Henry Lei começa por apontar a necessidade de aperfeiçoamento da regulamentação. "Enfrentamos o desafio de leis e regulamentos financeiros imperfeitos, nos quais os interesses das empresas e dos investidores não estão totalmente protegidos", salienta. O próprio "Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia" reconhece isso, elencando uma lista de diplomas legais a rever ou criar de raiz. Entre eles estão a elaboração da Lei de Valores Mobiliários e a revisão da regulamentação ao nível da constituição e funcionamento dos fundos de investimento e das sociedades gestoras de fundos de investimento.

António Félix Pontes considera que tem havido "um esforço evidente" de melhoria no campo da regulamentação. O economista destaca o esforço de "actualização de alguns diplomas dos anos 1990", cobrindo áreas como a "locação financeira, actividade seguradora, emissão monetária e sistema financeiro", bem como a criação de "um enquadramento jurídico numa matéria nova, os 'trusts'". E acrescenta: "Decerto, outros se seguirão, com especial destaque para o mercado de obrigações".

A AMCM recorda que, nos últimos anos, entraram em vigor cinco novos diplomas legais na área financeira. No ano passado, as leis fundamentais dos sistemas monetário e financeiro de Macau – respectivamente, o Regime Jurídico da Emissão Monetária e o Regime Jurídico do Sistema Financeiro – foram reformuladas e aprovadas. Ainda em 2023, procedeu-se à revisão de mais de 15 directivas e outros documentos de supervisão, cobrindo áreas como a banca electrónica, obrigações, projectos de inovação tecnológica financeira, fundos de oferta privada, actividades de hipotecas imobiliárias e o financiamento de prémios de seguro.

Para Kot Hung Wan, antigo coordenador dos cursos de licenciatura e mestrado em finanças da Universidade de Macau, um dos desafios que se colocam ao território no desenvolvimento de uma indústria financeira moderna é a formação e captação de talentos nesta área. O académico



O desenvolvimento do sector das finanças modernas também passa pela Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin

destaca, em particular, a necessidade de profissionais qualificados no campo da regulação financeira.

Para responder à procura por recursos humanos, o Governo quer apostar na formação, nomeadamente ao nível de cursos de ensino superior e de qualificação profissional, bem como na promoção de acções de valorização "on-the-job". A finalidade é, de acordo com a AMCM, "formar uma equipa de quadros locais" e possibilitar "o aproveitamento, por parte da população activa, das oportunidades de emprego de alto valor acrescentado emergentes do sector financeiro moderno".

Até 2028, o Governo projecta aumentar de 18 para 25 o número de cursos de ensino superior relacionados com a indústria financeira moderna. As directrizes para o desenvolvimento de Macau apontam ainda para a formação de profissionais com talentos integrados, como, por exemplo, "finanças + tecnologia" ou "finanças + direito".

Ao longo do ano passado, a AMCM organizou já cerca de 160

cursos e seminários na área financeira, em colaboração com diversas entidades, envolvendo aproximadamente 6000 participantes. As iniciativas versaram sobre temas relativos ao mercado de obrigações, gestão de fortunas, finanças verdes, locação financeira e tecnologia financeira.

Nos seus planos de desenvolvimento de uma indústria financeira moderna, Henry Lei afirma que Macau enfrenta desafios como a competição por parte de centros financeiros "maduros", casos de Hong Kong e Shenzhen, além de um ambiente internacional de taxas de juro elevadas e questões ligadas à conversibilidade total do renminbi. "São factores que influenciam o desenvolvimento da indústria financeira moderna, especificamente as obrigações em renminbi, locação financeira, gestão de património, finanças verdes e serviços de compensação em renminbi", diz.

Complementaridade regional

A estratégia de diversificação adequada da economia "1+4" visa integrar Macau no desenvolvimento nacional, para servir as necessidades do país. A construção da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau "alargou o âmbito e o espaço de desenvolvimento do sector financeiro da RAEM, criando condições para o seu crescimento", salienta a AMCM.

No contexto da Grande Baía, o organismo sublinha o projecto-piloto de "Gestão Financeira Transfronteiriça". Constitui uma "medida inovadora para o impulsionamento da interligação e interconexão dos serviços financeiros" de Guangdong, Hong Kong e Macau, contribuindo para o reforço do fluxo e uso transfronteiriços do renminbi, é dito. A AMCM entende que a iniciativa é igualmente "susceptível de criar novas oportunidades comerciais" para o sector bancário local.

> Até 2028, o Governo projecta aumentar de 18 para 25 o número de cursos de ensino superior relacionados com a indústria financeira moderna

O projecto-piloto de "Gestão Financeira Transfronteiriça" visa a facilitação dos investimentos transfronteiriços individuais dos residentes na Grande Baía. O sistema foi fruto de optimização em Janeiro, tendo sido alargado o âmbito das instituições participantes, passando a ser incluídas empresas de valores mobiliários. Foi também ampliado o leque dos produtos qualificados de investimento e aumentado o limite máximo de investimento por parte dos investidores individuais, de um milhão de renminbi para três milhões de renminbi.

A cooperação financeira transfronteiriça passa, em particular, pela Zona de Cooperação Aprofundada em Hengqin, que é vista como "um importante ponto de partida para Macau participar na construção da Grande Baía". Através da Zona de Cooperação Aprofundada, pretende-se a integração de recursos para desenvolver o mercado de obrigações e intensificar a interconexão dos mercados financeiros.

Na perspectiva de António Félix Pontes, o fluxo de pessoas, de mercadorias e de fundos no seio da Grande Baía pode criar "um amplo leque de oportunidades de negócio" para as instituições financeiras de Macau. Entre as possibilidades, o economista enumera as actividades financeiras e de seguros especializadas, bem como o acesso a novos mercados. Na relação com a lusofonia, António Félix Pontes defende que a Grande Baía pode também ser uma oportunidade em termos de comércio externo, seja através de seguros para cobertura de riscos comerciais e políticos, da concessão de linhas de crédito aos bancos centrais dos países lusófonos ou do relacionamento financeiro com instituições bancárias desses países.

COMPLEXO DAS ILHAS

Novo hospital para revigorar saúde de Macau

A abertura do Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas representa um virar de página no que toca à prestação de cuidados de saúde no território, dizem especialistas do sector médico. A nova instituição deverá permitir não só o aliviar da pressão no sistema de saúde, mas também apoiar a formação de profissionais locais e promover o turismo de saúde

Texto | **Nelson Moura**

É UM marco para a área da saúde de Macau e uma garantia para o desenvolvimento sustentável do sector. É desta forma que especialistas do campo da medicina descrevem o papel do recém-inaugurado Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas – Centro Médico de Macau do Peking Union Medical College Hospital, conhecido também como Hospital Macau Union, que abriu portas, a título experimental, em Dezembro de 2023.

Aquando da abertura parcial do novo hospital, o Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), Ho Iat Seng, indicou que a instituição pretende aumentar a capacidade de tratamento de doenças graves e oferecer serviços médicos especializados no território.

O novo hospital marca "um novo capítulo e um novo marco nos serviços de saúde de Macau", afirmou Ho Iat Seng, sublinhando que a prioridade das autoridades é "fornecer cuidados de saúde de alta qualidade e mais opções de serviços médicos aos residentes".

O conceituado Peking Union Medical College Hospital, instituição com mais de 100 anos, foi convidado pelo Governo da RAEM para gerir o novo hospital. No ano passado, foi assinado um acordo de cooperação no âmbito dos serviços de cuidados de saúde, educação médica, estudos científicos, transformação dos respectivos resultados e "big health".

Segundo Ho Iat Seng, esta estrutura é um "precedente para a cooperação entre Macau e o Interior da China na prestação de serviços de saúde".

O Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas – que entrará em pleno funcionamento a 16 de Setembro deste ano – localiza-se na zona adjacente à Estrada do Istmo, no Cotai, num lote de terreno com cerca de 75.800 metros quadrados.



O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, e outros convidados presidiram à cerimónia de abertura do Hospital Macau Union

O empreendimento é constituído por sete edifícios e será construído em duas fases. A primeira fase do projecto incluiu a construção do Instituto de Enfermagem, Edifício Residencial para Trabalhadores, Hospital Geral, Edifício de Apoio Logístico, Edifício de Administração e Multi-Serviços, bem como o Edifício do Laboratório Central.

Iniciada em Outubro de 2019, a construção das principais estruturas da primeira fase foi concluída no final de 2022. O Hospital de Reabilitação, entretanto, fará parte da segunda fase de construção do complexo, com conclusão prevista para Abril de 2027.

Após a conclusão das duas fases, o complexo terá uma área bruta total de 430 mil metros quadrados, dispondo de 26 blocos operatórios, e mais de 1000 camas.

A 20 de Dezembro do ano passado, o Posto de Urgência das Ilhas do Centro Hospitalar Conde de São Januário passou a funcionar no rés-do-chão do edifício do novo hospital.

Aposta na formação

O Chefe do Executivo, no discurso de abertura, mencionou as valências e desafios do novo hospital. Além de dar prioridade à prestação de serviços médicos à população local e aumentar a capacidade da RAEM no tratamento de doenças complexas e graves, a instituição deve – tirando partido da notoriedade do Peking Union Medical College Hospital – "esforçar-se por se tornar num centro médico de primeira classe com influência internacional com base na Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau".

Por outro lado, frisou Ho Iat Seng, aproveitando a tecnologia médica de ponta e a rica experiência do Peking Union Medical College Hospital, o hospital deve proporcionar formação e mais oportunidades de desenvolvimento aos profissionais de saúde do território, "promovendo a construção da equipa de quadros qualificados na área da saúde, no sentido de impulsionar conjuntamente o desenvolvimento de qualidade do sector de saúde local".

Para o médico Fernando Gomes, o novo hospital irá, em primeiro lugar, ajudar a "colmatar problemas" na procura por serviços de cuidados de saúde em Macau.

"Nós sabemos que o Hospital Conde de São Januário não tem por onde crescer. A procura por parte da população nos últimos dez anos é notória. Não só por parte dos residentes, mas também trabalhadores não-residentes e até turistas", diz à Revista Macau o presidente da Associação dos Médicos dos Serviços de Saúde. "Para crescer é preciso ter camas. É preciso ter espaço", adianta.

Com o novo complexo, o número total de camas nos hospitais públicos e privados da RAEM aumentará cerca de 50 por cento, de acordo com dados oficiais.

Segundo a Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, Elsie Ao Ieong U, o novo complexo terá o dobro da área de todas as instalações de saúde existentes no território. As estimativas do Governo apontam para a redução do tempo médio de espera em Macau por consultas médicas de serviços primários para 3,6 semanas, referiu a mesma responsável.


© DIREITOS RESERVADOS

O novo complexo hospitalar de Macau terá um total de sete edifícios

Na cerimónia de abertura, Wu Wenming, director do Complexo de Saúde das Ilhas, indicou que o novo hospital irá proporcionar, gradualmente, serviços médicos especializados "mais diversificados e amplos", incluindo exame de saúde, medicina estética, tratamento integrado de tumores e serviços de encaminhamento de doentes. Este ano, o complexo deve prestar serviços especializados de ambulatório e enfermaria, e, gradualmente, irá também providenciar exames de imagiologia e radiologia.

Operação inovadora

Ao abrigo do acordo de cooperação, o Peking Union Medical College Hospital irá introduzir serviços integrados de oncologia, incluindo radioterapia, bem como desenvolver especialidades em medicina estética, medicina tradicional chinesa e gestão de saúde.



Para Billy Chan, director do Centro de Educação em Simulação Médica da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, esta nova parceria público-privada acaba por ser "uma excelente escolha" e garante um modelo de operação "muito inovador" para Macau.

"Combina elementos públicos e privados de uma forma única e esperamos sinceramente que isto seja um factor de mudança para o turismo médico de Macau", diz Billy Chan à Revista Macau.

"O público terá acesso muito fácil a cuidados de saúde de alto padrão. Acredito que o Hospital Macau Union, com a equipa de Pequim, irá realmente criar algo único e diferente em termos de serviços de elevada qualidade", acrescenta.

O especialista diz esperar também que o novo hospital tenha como missão a formação de profissionais do sector da saúde. "Poderia ser um dia um hospital universitário de classe mundial, com o objectivo de desenvolvimento de competências e formação médica de alto nível", destacou.

O subdirector da Comissão Nacional de Saúde, Lei Haichao, referiu, aquando da abertura parcial do complexo, que o Hospital Macau Union é exemplo de um "resultado valioso de cooperação estreita entre o Governo da RAEM e o Peking Union Medical College Hospital", sendo um projecto "exemplar, simbólico, essencial e relacionado com a vida da população".

Já o presidente da Comissão para o Desenvolvimento Estratégico do Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas, Zhao Yupei, disse, no seu discurso, que a abertura deste novo hospital criou "um novo modelo que permite aos hospitais do Interior da China operarem as suas instituições médicas no exterior".

Na mesma ocasião, a presidente do Peking Union Medical College Hospital, Zhang Shuyang, frisou que a instituição médica estava "honrada" por assumir a missão de operar e gerir o novo hospital de Macau, sendo esta a primeira vez que a organização assume tal responsabilidade fora do Interior da China. Um

dos focos, garantiu a responsável, será a formação de quadros qualificados, com uma estratégia assente no "ensino médico de elite, na cultura de marca característica e na experiência moderna de gestão hospitalar, acumulados ao longo de um século pelo Peking Union Medical College Hospital".

Prioridade aos locais

Em Dezembro de 2023, o Hospital Macau Union lançou a segunda ronda de recrutamento para 80 funcionários administrativos e de saúde. Os cargos a serem preenchidos incluem técnicos de laboratório médico, radiologistas, fisioterapeutas, engenheiros médicos, engenheiros de informática, além de profissionais de direito, contabilidade, relações-públicas e recursos humanos.

A primeira campanha de recrutamento do hospital, que decorreu de 31 de Outubro a 10 de Novembro, envolveu 90 profissionais de saúde locais, incluindo médicos de clínica geral, enfermeiros, técnicos de radiologia, auxiliares técnicos de farmácia, auxiliares de enfermagem e auxiliares médicos.

Além dos 50 especialistas nomeados pelo Peking Union Medical College Hospital, principalmente para cargos de gestão, o Governo da RAEM pretende recrutar mais de 400 médicos, com prioridade para a contratação a nível local. Contudo, alguns "especialistas de topo em várias especialidades" poderão ser contratados além-fronteiras.

Elsie Ao Ieong U já tinha referido no ano passado que as autoridades só considerariam a contratação de pessoal no Interior da China ou no exterior "em caso de escassez de recursos humanos locais".



© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, visitou o Hospital Geral no dia da abertura parcial do complexo

A estratégia é aplaudida pelo deputado José Pereira Coutinho. Numa intervenção pública, o membro da Assembleia Legislativa destacou a intenção de contratar localmente como uma medida importante para promover o emprego local e oferecer oportunidades de trabalho para os residentes de Macau, principalmente os licenciados em medicina e enfermagem.

"Ao priorizar a contratação de residentes, o hospital contribui para o desenvolvimento da força de trabalho local e pode ajudar a aliviar a sobrecarga de trabalho do Centro Hospitalar Conde de São Januário, o qual é o principal hospital em Macau", apontou José Pereira Coutinho. "Além disso, é essencial que os direitos e interesses dos idosos sejam acautelados quanto à prestação gratuita de cuidados de saúde nas Ilhas da Taipa e de Coloane."

Fernando Gomes lembra que a especialização por parte de profissionais de saúde na RAEM "muitas vezes tem sido difícil" pela falta de espaço. A vinda de profissionais de fora deve ajudar a desenvolver as capacidades dos profissionais locais, acrescenta.

"Há aqui uma colaboração com um hospital de referência da capital. É uma parceria público-privada, uma experiência nova e ainda por cima de grande envergadura", aponta o médico. "Existe uma abundância de recursos humanos no Interior da China, e penso que é importante existir uma transmissão de experiência e conhecimentos para os médicos locais."

26

Número de blocos operatórios no novo complexo hospitalar

O estabelecimento médico vai funcionar com base num mecanismo de três níveis no que diz respeito a preços e serviços médicos. No primeiro e segundo níveis, serão prestados serviços públicos acessíveis aos residentes, enquanto no terceiro nível os preços dos serviços privados serão fixados conforme as taxas de mercado.

Turismo de saúde

Este ano é "o primeiro ano da implementação do plano '1+4'", uma estratégia governamental para a diversificação económica que tem o sector do turismo como pedra basilar e aposta no desenvolvimento prioritário de quatro sectores, incluindo a indústria da "big health".

Segundo o plano traçado pelas autoridades, será necessário tirar o maior proveito do Hospital Macau Union, procurando desenvolver uma estratégia de "saúde + turismo", de forma a acelerar a construção do território como um "centro médico regional a nível nacional".

As autoridades apontam para que a RAEM se torne num destino de turismo de saúde nos próximos anos, atraindo um maior número de visitantes não apenas do Interior da China, mas também de outras geografias.

Para Fernando Gomes, o aproveitamento do hospital como um elemento de aposta no turismo e saúde da região deverá ser um objectivo secundário, apoiando a meta de tornar Macau num centro de saúde regional no país. A prioridade, ressalvou, deve ser o reforço da prestação de cuidados de saúde à população local.

À Revista Macau, Billy Chan realça também que a ligação do hospital com a rede de transportes locais permitirá aos utentes um acesso facilitado a "cuidados de saúde de qualidade".

A futura Linha Seac Pai Van, uma expansão da Linha do Metro Ligeiro de Macau, está prevista para entrar em funcionamento este ano, com uma das suas duas estações a incluir uma paragem junto ao Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas. Com a abertura da nova linha, o complexo estará conectado com a rede de metro que se estenderá da Barra, na península, até Seac Pai Van, e de futuro, também a Hengqin.

INOVAÇÃO

Drones: tecnologia a favor

A utilização de drones como tecnologia aplicável nas mais variadas áreas continua em expansão e o mercado de Macau não é excepção. A start-up Logic Lift faz uso de drones e da inteligência artificial para inspeccionar edifícios, uma solução que, segundo o empreendedor Hugo Tou, aumenta a eficiência e garante a segurança das edificações



Texto | **Tony Lai**

OS VEÍCULOS aéreos não tripulados – denominados, geralmente, como drones – já há vários anos que deixaram de ter uma utilização exclusivamente militar, para serem actualmente usados nas mais diversas indústrias, tendo-se até tornado, rapidamente, num produto para o consumidor.

Em Macau, é comum ver o uso destas aeronaves para fins recreativos e de entretenimento, desde espectáculos de drones a fotografia e filmagem, bem como para usos industriais. É neste contexto que a start-up Logic Lift, empresa sediada em Xangai e Macau, encontrou um nicho para a sua aplicação para drones: a inspecção em altura de edifícios. Esta utilização inovadora não se limita apenas aos grandes complexos turísticos no Cotai, mas abrange também as infra-estruturas costeiras e os edifícios localizados nos bairros antigos de Macau.

A empresa, fundada em 2021, aplicou recentemente a sua tecnologia "INSKY Aerial Inspection System" – que incorpora drones e inteligência artificial para análise de dados e imagens – para realizar inspecções externas a dois empreendimentos turísticos de uma operadora de turismo e lazer integrado na cidade. O uso desta solução, segundo a empresa, permite substituir os métodos tradicionais de inspecção em altura dos edifícios.

O trabalho marcou a entrada da Logic Lift no mercado de Macau, depois de ter aplicado a sua solução tecnológica em vários empreendimentos em Xangai e noutras regiões do Interior da China.

Hugo Tou, director-geral da Logic Lift, não tem dúvidas de que esta solução reduz significativamente o tempo necessário para inspecções a edifícios, enquanto

da segurança dos edifícios



O uso de drones em Macau é cada vez mais comum em vários sectores

aumenta a eficiência do processo em comparação com as abordagens tradicionais.

"A nossa solução garante que os drones capturam fotos de forma consistente a uma distância precisa do edifício, enquanto seguem uma trajectória de voo predeterminada", explica em entrevista à Revista Macau. Todas as fotos tiradas pelos drones são transmitidas em tempo real para o servidor do sistema, onde são analisadas por meio de inteligência artificial para identificar possíveis problemas relacionados com a construção.

"Como estas inspecções têm de ser realizadas regularmente, este sistema garante que os drones irão seguir a mesma rota, voando para os mesmos pontos de referência de forma a capturar fotos das mesmas áreas todas as vezes. Este nível de precisão e exactidão de dados não pode ser alcançado com métodos manuais tradicionais", explica o empreendedor.

Reduzir custos e riscos

Após a implementação do "Regulamento de Navegação Aérea de Macau", revisto em 2021, quaisquer actividades que recorram ao uso de drones que envolvam aeronaves com peso superior a sete quilos requerem uma autorização da Autoridade de Aviação Civil (AACM). Além disso, os operadores de drones devem obter uma licença e devem possuir um seguro contra terceiros com um montante mínimo de 10 milhões de patacas.

Hugo Tou refere que o processo de obtenção de uma autorização em Macau é simples e eficiente. "Na

verdade, é mais fácil do que o esperado. As autoridades de Macau são flexíveis e receptivas a esta nova aplicação para drones", acrescenta.

No caso dos empreendimentos turísticos, a equipa da Logic Lift concluiu as inspecções a cada edifício em cerca de dois dias. "As inspecções puderam ser concluídas de forma célere, ajudando o cliente a economizar recursos e tempo", diz o responsável da empresa tecnológica.

A operadora MGM China Holdings Ltd. elogiou o trabalho da Logic Lift, salientando que "através do recurso à inteligência artificial e aos drones, a empresa pôde realizar inspecções abrangentes no MGM Cotai em apenas um a dois dias, em vez de meses, contribuindo para reduzir o custo para apenas 25 por cento do que seria normal nas inspecções tradicionais".

"Com uma gestão digitalizada, esta solução gera automaticamente relatórios detalhados e sistemáticos em tempo útil, permitindo identificar qualquer dano ou anormalidade na superfície dos edifícios e reagir imediatamente", frisou a operadora num comunicado. "Esta solução inovadora não só melhora a eficiência e reduz os custos, mas, essencialmente, reduz os riscos relacionados com segurança ocupacional."

O modelo utilizado pela Logic Lift é semelhante aos planos de voo utilizados na indústria da aviação, explica Hugo Tou, nos quais as aeronaves seguem pontos de referência designados ao longo de uma trajectória de voo dentro de um período específico. Esta semelhança não é uma coincidência, mas sim o resultado da vasta experiência que o empresário acumulou na área da aviação e no sector aeroespacial da China.

Nascido e criado em Macau, Hugo Tou sempre teve uma paixão pela imensidão do espaço e por temas aeroespaciais. Em 2005, foi admitido na Escola de Astronáutica da Universidade Beihang, em Pequim, instituição conhecida como berço de engenheiros, académicos e profissionais das áreas aeroespacial e de aviação. Depois de concluir o curso, prosseguiu os estudos na Universidade de Pequim.

Após concluir os estudos, Hugo Tou começou a



A tecnologia da Logic Lift permite substituir métodos tradicionais de inspecção em altura dos edifícios

© DIREITOS RESERVADOS

carreira na Honeywell Aerospace Technologies, em Xangai, uma das mais conhecidas fabricantes de motores para aviões e outros produtos e serviços para a indústria aeroespacial. Na altura, a empresa estava envolvida na produção do Comac 919 – uma aeronave de fuselagem estreita desenvolvida pela Commercial Aircraft Corporation of China – e o recém-licenciado trabalhador teve a oportunidade de estar envolvido na integração e no desenvolvimento do sistema de controlo de voo para o novo modelo de aeronave.



> O nosso sistema pode ser aplicado para inspecção em locais de difícil acesso ou onde as inspecções tradicionais levariam bastante tempo
>
> **HUGO TOU**
> **DIRECTOR-GERAL DA LOGIC LIFT**

De Xangai a Macau

O envolvimento no projecto do Comac 919 espoletou o interesse de Hugo Tou por drones e levou-o a explorar, desde 2015, as potenciais aplicações que a tecnologia podia ter. Após o lançamento do Comac 919, em 2017, Hugo Tou e um grupo de amigos e colegas formaram uma equipa em Xangai para explorar potenciais oportunidades de negócios no crescente sector comercial de drones.

De acordo com a análise de mercado da "Drone Industry Insights e Fortune Business Insights", o valor do mercado global de drones comerciais deverá, em 2030, ser superior a 50 mil milhões de dólares, comparativamente a 30 mil milhões de dólares em 2022.

O estudo revela também que as empresas estão maioritariamente focadas no uso de drones em áreas como filmagem e fotografia, horticultura e agricultura, inspecção e manutenção, mapeamento topográfico, vigilância, entregas e logística. A China surge como uma força dominante no sector, com empresas como a Shenzhen DJI Sciences and Technologies Ltd. identificadas entre as principais fabricantes de drones civis a nível global.

Descrevendo o mercado do Interior da China como "altamente competitivo", o jovem empresário diz que a sua equipa se destaca "no segmento de inspecção de edifícios", pelas vantagens que os seus sistemas e tecnologias oferecem relativamente a outras soluções existentes no mercado.

Desde o início de 2019, a equipa providenciou serviços a vários clientes em Xangai e noutras províncias no Interior da China, incluindo empresas estatais como a Shanghai Zhenhua Heavy Industries Co. Ltd. e a China State Construction Engineering Corp. Os projectos variaram entre a inspecção de sistemas de iluminação e de gruas para contentores até ao mapeamento aéreo para inventários florestais.

"Resumindo, o nosso sistema pode ser aplicado para inspecção em locais de difícil acesso ou onde as inspecções tradicionais levariam bastante tempo", refere Hugo Tou.

Após os resultados alcançados em Xangai, o empreendedor contemplou a possibilidade de introduzir a tecnologia em Macau. "Existem semelhanças entre Xangai e Macau. Ambas as cidades são centros empresariais internacionais e também são susceptíveis aos riscos associados aos tufões e ao clima. Portanto, inspecções a edifícios em tempo oportuno e de forma eficiente são de extrema importância nestas cidades", realça o empresário. "Como residente de Macau, também senti a responsabilidade de trazer esta tecnologia para o território."

Segundo Hugo Tou, fez sentido em termos operacionais lançar os serviços em Macau, após alguns anos de experiência prática além-fronteiras. "O mercado do Interior da China apresenta, em geral, maior tolerância a imperfeições no que toca a soluções inovadoras e tecnológicas, enquanto o mercado de Macau dá maior ênfase ao bom funcionamento e execução impecável destas soluções", explica. "Por exemplo, no mercado de Macau, precisamos de garantir maior precisão na qualidade dos dados e nos relatórios."

Virada para a região

Tirando partido das oportunidades no mercado de Macau, a equipa participou, em 2021, na edição inaugural do Concurso de Inovação e Empreendedorismo de Macau, onde garantiu o segundo lugar. A participação no concurso proporcionou várias vantagens, incluindo a adesão ao Centro de Incubação de Negócios para os Jovens de Macau, financiado pelo Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

"O Centro de Incubação proporcionou-nos inúmeras oportunidades e maior exposição no mercado, apoiando o nosso crescimento", afirmou Hugo Tou. "Tivemos a oportunidade de participar em diversas feiras e roadshows para promover os nossos produtos e tecnologia em Macau e na Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Estes eventos permitiram-nos estabelecer ligações com empresas estatais chinesas e empresas na lista Fortune Global 500."

Para fomentar o crescimento de start-ups como a Logic Lift, Hugo Tou enfatiza a importância de um espaço adequado para que as empresas possam explorar e desenvolver as suas ideias. Nesse âmbito, salienta, o ambiente para o empreendedorismo e start-ups em Macau tem vindo a melhorar, muito graças ao desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin. "Embora os recursos em termos de terrenos em Macau sejam limitados, a localização de Hengqin ajuda a aliviar este desafio, proporcionando espaço para fomentar o crescimento das start-ups."

No final de 2023, a Zona de Cooperação Aprofundada, administrada conjuntamente pelas autoridades da RAEM e da província de Guangdong, anunciou medidas para incentivar a inovação e o empreendedorismo entre os residentes de Macau com idades entre os 18 e os 45 anos.

As medidas, que entraram em vigor em Fevereiro deste ano, incluem a disponibilização de espaços comerciais. Estes escritórios devem reservar cerca de 30 por cento do seu espaço para start-ups de Macau, podendo registar-se como incubadoras para jovens empreendedores e empresas da RAEM, tornando-se elegíveis a candidatarem-se a um subsídio de um milhão de renminbis. Os jovens ou start-ups de Macau que estejam sediados nestes centros em Hengqin por um período de pelo menos seis meses podem candidatar-se a um apoio financeiro no valor de 30 mil renminbis, além de subsídios ao arrendamento.

Segundo Hugo Tou, as empresas de Macau podem também tirar partido do vigor da indústria transformadora na província de Guangdong, que providencia condições mais favoráveis aos empreendedores da RAEM. "Ao integrar recursos disponíveis no Interior da China, como a dimensão dos espaços e a capacidade produtiva, Macau pode tornar-se num local ideal para o desenvolvimento de start-ups tecnológicas."

Investigação e inovação

Com operações baseadas principalmente em Xangai e em Macau, a Logic Lift conta com cerca de 20 colaboradores, com 70 por cento da equipa dedicada à investigação e desenvolvimento tecnológico, enquanto os restantes membros desempenham funções em várias áreas, como marketing ou relações comerciais.

A pequena dimensão da empresa, garante Hugo Tou, não é impeditivo para a concretização dos objectivos. "Um dos meus colegas de universidade também lidera uma empresa agora com apenas alguns funcionários e sem qualquer financiamento externo. Mas já alcançaram sucesso e estiveram envolvidos em vários projectos relacionados com a indústria aeroespacial no Interior da China", exemplifica.

© DIREITOS RESERVADOS



O recurso aos drones permite concluir as inspecções a edifícios de forma célere

A Logic Lift também colabora com instituições de ensino superior no que toca a investigações relacionadas com voos automáticos e inteligência artificial, incluindo com a Universidade de Xangai e a Universidade Jiao Tong de Xangai. "Embora as sugestões destes estudantes universitários nem sempre sejam totalmente amadurecidas e práticas, as suas ideias são por vezes intrigantes e inovadoras", observa o empresário.

Após começar operações em Macau, a Logic Lift está desejosa de explorar ainda mais o mercado local. Além de hotéis e empreendimentos turísticos, a tecnologia da empresa também pode ser utilizada para inspecção de infra-estruturas costeiras e marítimas. Outra potencial aplicação, segundo Hugo Tou, é a inspecção a edifícios antigos no território. "Existem muitos edifícios antigos em Macau que podem representar riscos à segurança devido à queda de betão e tijolos. Mas não existem métodos eficazes e adequados para inspecionar, em tempo oportuno, estes edifícios e identificar potenciais riscos", ilustra.

Um relatório de 2022 da empresa Macau Renovação Urbana, S.A. identificou quase 4800 edifícios em Macau com mais de 30 anos, representando cerca de dois terços de todos os edifícios da cidade. De acordo com o relatório, entre estes edifícios antigos, aproximadamente 1700 apresentavam riscos de segurança estrutural, e a falta de manutenção destes edifícios representava um "risco oculto" para a cidade.

Olhando para o futuro, Hugo Tou acredita que o uso de drones para actividades de inspecção está já "bastante maduro" e o próximo passo será uma maior integração de inteligência artificial e o desenvolvimento de modelos de captação de dados em grande escala. "Nos próximos cinco anos, esperamos definitivamente ver o uso desta solução mais difundido em Macau a um custo mais reduzido", afirma. "Não se trata apenas de ganhar dinheiro... pois o valor desta tecnologia só poderá ser mais bem entendido quando estiver acessível a mais pessoas."



MARCA DE MACAU

Óleo medicinal Cheong Kun, uma fórmula de sucesso

Criado nos anos 1950, o Óleo Analgésico Cheong Kun é reconhecido pela sua eficácia no alívio da dor e no tratamento de feridas. Resultado de uma receita passada ao longo de três gerações, o produto já chegou ao mundo da lusofonia

Texto | **Vitória Man Sok Wa**

HÁ CERCA de sete décadas que o Óleo Analgésico Cheong Kun é presença quase que obrigatória nas caixas de primeiros socorros das famílias em Macau. A fama do produto já galgou fronteiras e são muitos os turistas que também o apreciam. Motivos que justificaram que a empresa responsável pela sua produção, a Fábrica de Anodino Óleo Herbario Medicinal Chinesa Cheong Kun (Macau) Limitada, tenha recebido do Governo, em Janeiro, a Medalha de Mérito Industrial e Comercial, distinguindo os seus contributos para o desenvolvimento da medicina tradicional chinesa no território.

Ao longo de três gerações, o negócio passou de uma clínica de medicina tradicional chinesa com três empregados, durante a década de 1950, para uma fábrica que emprega actualmente 40 trabalhadores. A marca expandiu-se de Macau para outras partes da China e até mesmo para o espaço lusófono. A produção subiu de algumas centenas de unidades por ano para mais de um milhão de garrafas. Ainda assim, por decisão dos proprietários, o fabrico tem-se sempre mantido em Macau.

Todo este sucesso prende-se com as propriedades do óleo Cheong Kun: quando é aplicado em zonas afectadas seja por queimadura, úlcera, hemorragia ou reumatismo, o produto acelera o seu processo de recuperação, incluindo o estancamento de sangue. É fabricado à base de substâncias de origem vegetal, não produzindo efeitos de irritação na pele.

Origens na Praia do Manduco

O óleo carrega o nome do criador, Cheong Kun, nascido em 1921, no Interior da China. Mudou-se para Macau com a família quando ainda era jovem e foi no território que fez a sua formação em medicina tradicional chinesa, com um mestre local, tendo aberto a sua própria clínica na zona da Praia do Manduco durante a década de 1950.

A comunidade residente na área era maioritariamente constituída por pescadores. Era muita a procura por tratamentos para mazelas fruto do trabalho no mar, desde queimaduras a cortes e nódoas negras, entre outros ferimentos. Foi neste contexto que nasceu o Óleo Analgésico Cheong Kun.

De acordo com Cheong Lok Kei, neto do fundador, a receita original resultou de investigação levada a cabo pelo seu avô. O director-técnico da empresa recorda que, "no início, desde o fabrico até ao embalamento do produto, todo o processo era feito manualmente na clínica" de Cheong Kun. "Todos os anos, centenas de frascos eram disponibilizados, não só no estabelecimento, mas também em bancas de jornais e em pequenas lojas que vendiam presentes aos turistas", conta. "Como resultado, a reputação do produto expandiu-se para além de Macau."

Durante a década de 1970, o óleo Cheong Kun foi oficialmente reconhecido pelas autoridades de Hong Kong, que passaram a



A família Cheong faz questão em manter a produção em Macau

autorizar a sua importação. Já na década de 1980, para prevenir a contrafacção, a marca foi registada no Interior da China.

Em 1997, o já septuagenário Cheong Kun decidiu passar a empresa ao seu filho Cheong Kin Nang. "Quando o meu pai herdou o negócio, já tinha previsto que a regulamentação se iria tornar mais rigorosa após a cidade regressar à Pátria", recorda Cheong Lok Kei. "Além disso, procurou elevar o negócio da família a novos patamares, nomeadamente em 2000, quando, após cerca de 50 anos, a produção passou da loja para uma fábrica com melhor qualidade e padrões modernos", na zona do bairro de Tamagnini Barbosa.

Agradar a operários e turistas

Outro ponto de viragem para a empresa foi a expansão do mercado do turismo de Macau. "Entre 1950 e 1980, como havia mais operários em Macau, eles eram os nossos principais consumidores, mas depois de 2011, como a economia de Macau cresceu muito rapidamente, com novos investimentos externos, os nossos principais clientes passaram a ser turistas, desportistas e famílias", recorda Cheong Lok Kei.

"Devido ao desenvolvimento da legislação do território na área da saúde, os nossos produtos passaram a estar disponíveis apenas em farmácias registadas", incluindo farmácias chinesas, explica o responsável. "Em Macau, os nossos produtos são vendidos em 400 farmácias e, embora o óleo medicinal continue a ser um presente popular entre os turistas, já não está disponível em lojas de recordações."

Em 2021, a empresa decidiu entrar no Interior da China, um dos maiores mercados do mundo. "Os nossos produtos estão actualmente disponíveis em farmácias de três províncias, bem como através das mais populares plataformas de compras digitais do país", afirma Cheong Lok Kei.

O desenvolvimento da marca obrigou a uma expansão da capacidade de produção. Em Junho do ano passado, a fábrica da empresa foi transferida para Coloane. A nova unidade, com 2.000 metros quadrados, permitiu triplicar o volume de produção, mantendo patamares elevados de qualidade no fabrico.

De entre os novos mercados que fazem parte dos planos da empresa, o destaque vai para Singapura, opinião reforçada pela participação em duas feiras comerciais que tiveram lugar na cidade-Estado no ano passado. "Reconhecemos a popularidade do nosso produto no país", diz Cheong Lok Kei. "Além disso, Singapura é um centro internacional, sendo uma porta importante para o



A empresa responsável pela produção do óleo recebeu, em Janeiro, a Medalha de Mérito Industrial e Comercial (na foto, o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, entrega a distinção ao director-técnico, Cheong Lok Kei)

produto se apresentar ao mundo." O director-técnico diz que o objectivo passa por comercializar 10 mil unidades por ano. "Já concluímos o registo e o produto deverá estar disponível no país em Abril."

O óleo medicinal está também em processo de candidatura para obter reconhecimento Halal, ou seja, para que possa ser utilizado por consumidores muçulmanos. Tal, explica Cheong Lok Kei, é particularmente relevante em Singapura e noutros países do sudeste asiático, onde existem importantes comunidades muçulmanas. "Este reconhecimento é importante, porque o mercado Halal mundial é enorme, envolve cerca de 1,8 mil milhões de pessoas."

À conquista da lusofonia

O óleo Cheong Kun ainda não está disponível nas prateleiras em Singapura, mas já pode ser encontrado em pelo menos um país lusófono: Moçambique. Foi em 2018 que a marca começou a ser comercializada naquela nação africana de língua portuguesa, algo que constituiu um marco na história do sector da medicina tradicional chinesa em Macau.

"Nem eu nem os nossos funcionários falamos português", conta Cheong Lok Kei com um sorriso. O director-técnico da empresa responsável pelo óleo Cheong Kun sublinha a importância em todo o processo do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong–Macau. "O parque dispõe de recursos humanos bilingues, bem como de contactos com hospitais e distribuidores nos países de língua portuguesa", refere. "Da tradução de documentos ao registo no país, das negociações com distribuidores às promoções no mercado, o parque ajudou-nos a fazer tudo em português."

O responsável explica que a entrada em Moçambique se fez primeiro através dos hospitais, para que os médicos e os consumidores locais conhecessem o produto pela sua utilização em tratamentos, ganhando assim confiança nas suas qualidades terapêuticas. A empresa beneficiou também de apoios ao nível do envio de médicos chineses a Moçambique para ensinar os colegas locais a utilizar o óleo medicinal em massagens e terapias de acupunctura.

Segundo Cheong Lok Kei, foram vendidas mais de 3000 garrafas de óleo Cheong Kun em Moçambique no primeiro ano. No entanto, devido à pandemia de COVID-19, o negócio no país africano abrandou, havendo agora um novo plano de retoma para este ano.

"Moçambique é a nossa primeira expansão para o mundo lusófono, onde estamos em missão experimental e promocional. O nosso objectivo é promover a medicina tradicional chinesa em mais países de língua portuguesa", afirma o responsável, dando o exemplo do Brasil. "É um mercado grande, com muitos operadores, e a procura por produtos como os nossos tem muito potencial."

Dar continuidade à marca

Cheong Lok Kei acredita que a Medalha de Mérito Industrial e Comercial recentemente atribuída pelo Governo de Macau à empresa responsável pelo óleo Cheong Kun premeia a resiliência de três gerações. "Acima de tudo, este produto conta a história do meu avô e do esforço do meu pai. Ao fim de tantos anos, é uma história que continua a não ficar para trás, que se tem tornado mais popular ano após ano", diz o actual líder da empresa, sublinhando que o óleo Cheong Kun é "um produto especial de Macau". E acrescenta: "Por isso, sinto a responsabilidade de dar continuidade a esta marca, tanto para Macau como para a minha família".

O futuro, na sua opinião, passa pela aposta do Governo de Macau na indústria de "big health" de medicina tradicional chinesa, um dos quatro sectores escolhidos pelas autoridades locais para promover a diversificação económica do território. "Dentro de cinco anos, prevejo que este sector vá prosperar no território, com produtos tradicionais e outros inovadores", afirma Cheong Lok Kei. "Actualmente, muitas fábricas de medicamentos em Macau, incluindo a nossa, têm programas de formação e investigação com as universidades locais. Com a nossa vantagem de sermos uma cidade turística internacional, acredito que Macau pode ser um local promissor no campo da medicina tradicional chinesa."

VER VÍDEO AQUI

MERCADO AUTOMÓVEL

O presente (já)



© DIREITOS RESERVADOS

é eléctrico



A era dos veículos eléctricos “made in China” está aí e em força. Depois de conquistarem o mercado nacional, as fabricantes chinesas de automóveis eléctricos estão apostadas em afirmarem-se na arena global: no final de 2023, pela primeira vez, foi uma empresa da China a liderar a lista de vendas deste tipo de veículos à escala mundial

Texto | **Viviana Chan**

APESAR da indefinição que marca a economia global por estes dias, há uma indústria que se continua a destacar internacionalmente, em grande parte fruto de contribuições de “players” chineses. No sector da produção de veículos eléctricos, as vendas têm continuado a subir, com várias fabricantes da China a ganharem terreno, conquistando a preferência (e a carteira) dos consumidores globais, através de veículos a preços competitivos e com baixos consumos.

No último trimestre do ano passado, a chinesa BYD liderou mesmo a tabela de vendas de veículos puramente eléctricos a nível mundial, comercializando mais de 526 mil unidades deste tipo e tirando o primeiro posto à norte-americana Tesla, segundo dados oficiais de ambas as empresas. De resto, a fabricante chinesa, sediada em Shenzhen, na vizinha província de Guangdong, reteve o título mundial no que toca a vendas de veículos movidos a novas formas de energia – também conhecidos pela sigla NEV, do inglês “new energy vehicles”, e que cobre veículos totalmente eléctricos bem como híbridos “plug-in”: em 2023, a BYD comercializou mais de 3,02 milhões de unidades deste tipo. O êxito chinês não é fruto do acaso, mas sim de um planeamento estratégico meticuloso, implementado ao longo das últimas duas décadas.

Os dados anuais mais recentes da Associação Chinesa de

Fabricantes de Automóveis são reveladores: foram comercializados cerca de 9,5 milhões de NEVs no mercado chinês no ano passado, o equivalente a quase um terço de todas as transacções. As vendas relativas a este segmento registaram um crescimento homólogo de 37,9 por cento – comparando 2020 com 2023, as vendas anuais quase que septuplicaram, reflectindo um crescimento significativo no interesse e adopção deste tipo de veículos na China. Para este ano, a Associação Chinesa de Carros de Passageiros projecta um crescimento do mercado de 25 por cento.

Em linha com a sua prestação à escala mundial, a BYD tornou-se em 2023 na marca mais comercializada em termos absolutos no mercado chinês, com vendas de 2,4 milhões de unidades, representando uma quota de mercado de 11 por cento, de acordo com dados do Centro de Investigação e Tecnologia Automóvel da China. A BYD ultrapassou assim a alemã Volkswagen, que ocupava o primeiro posto em vendas na China desde pelo menos 2008, altura em que começaram a ser divulgados dados sobre vendas por marca. A liderança da BYD, de acordo com analistas do sector, apenas confirma a

9,5 milhões

Quantidade de veículos eléctricos e híbridos comercializados no mercado chinês no ano passado


© DIREITOS RESERVADOS

Os carros eléctricos são cada vez mais populares nas estradas chinesas

ascensão das marcas de carros eléctricos no mercado chinês, sendo a primeira vez que uma marca focada em NEVs se torna na mais vendida em termos absolutos no país.

Expansão global

Os veículos eléctricos produzidos na China não estão só a conquistar as estradas nacionais. Segundo a Associação Chinesa de Fabricantes de Automóveis, as exportações totais de carros alcançaram em 2023 a marca de 4,91 milhões de unidades, sendo que destas 1,2 milhões eram NEVs. No ano passado, as vendas ao exterior de NEVs registaram um crescimento homólogo de 77,6 por cento, contribuindo para que a China assumisse o posto de principal exportador mundial de automóveis, à frente do Japão.

As fabricantes chinesas de carros eléctricos exportam para diversos pontos do globo, incluindo países como Portugal, a Bélgica, o Reino Unido e a França, na Europa, ou o Brasil e o México, na América Latina, para além da Tailândia e das Filipinas, na Ásia. O caso tailandês é paradigmático: anteriormente, o sector automóvel era dominado por modelos a combustão de marcas japonesas, com uma quota de mercado conjunta de cerca de 90 por cento; porém, a abertura do país aos veículos eléctricos serviu de entrada para as marcas chinesas, que actualmente gozam de uma liderança confortável neste segmento.

À Revista Macau, Alfred Wong Seng Fat, académico ligado ao Departamento de Engenharia Electromecânica da Universidade de Macau, aponta duas razões para justificar o sucesso das marcas chinesas de veículos eléctricos: bons desempenhos e acessibilidade de preços. "As marcas chinesas de carros eléctricos não apenas cativam os consumidores pela aparência dos seus veículos, desempenho e autonomia da bateria, mas também pelo preço muito atractivo", afirma.

O académico explica que há três componentes primordiais num veículo eléctrico: bateria, motor eléctrico e sistema de gestão energética. O especialista enfatiza a questão das baterias, que desempenham um papel crucial neste tipo de veículos. A este respeito, Alfred Wong nota que o sector chinês de produção de baterias registou um forte desenvolvimento ao longo dos últimos anos, aliando capacidade de produção a avanços tecnológicos, o que tem servido para suportar e fortalecer o progresso da indústria de carros eléctricos no país.

Futuro move-se a bateria

Várias das principais empresas produtoras de baterias para automóveis eléctricos estão baseadas na China. Entre elas, está a líder mundial Contemporary Amperex Technology Co. Ltd., também conhecida pelo acrónimo CATL, surgindo em segundo posto a BYD, que, além de produzir baterias para os seus próprios veículos, também as comercializa junto de outras marcas. Afinal, na origem do grupo, fundado em 1995, esteve exactamente a produção de baterias, na altura para telemóveis.

A CATL, fundada em 2011, domina cerca de um terço do mercado global de baterias para a indústria de veículos eléctricos. A empresa, com sede na província de Fujian, anunciou em Agosto passado a construção de uma fábrica na Hungria, a sua segunda unidade de produção na Europa, de forma a reforçar o seu papel na cadeia de fornecimento para o fabrico de veículos eléctricos em solo europeu. O investimento é já a olhar para o futuro, visto que a União Europeia pretende banir, a partir de 2035, a venda de carros novos a gasolina e diesel nos seus Estados-membros, com o objectivo de acelerar a transição para veículos eléctricos e combater as mudanças climáticas.

Do lado da BYD, também estão em curso diversos projectos de expansão internacional. A empresa está a investir cerca de 620 milhões de dólares americanos num novo complexo industrial em Camaçari, no nordeste brasileiro, que vai incluir três unidades fabris: uma dedicada ao fabrico de NEVs, com uma capacidade inicial de produção de 150 mil unidades por ano; outra para produzir chassis para autocarros e camiões eléctricos; e uma terceira destinada ao processamento de lítio e fosfato de ferro,

Eléctricos também crescem em Macau

NAS ESTRADAS de Macau, os veículos eléctricos são cada vez mais comuns. Dados estatísticos oficiais indicam que, no final de Janeiro, havia um total de 8719 veículos eléctricos no território, incluindo 4597 automóveis ligeiros, 1114 veículos pesados, 2178 motociclos e 830 ciclomotores. Em 2020, o número total de veículos eléctricos em circulação no território não ultrapassava os 1400.

Franco Liu, director-geral para Macau da construtora chinesa de automóveis eléctricos BYD, aponta, em entrevista à Revista Macau, vários factores que têm vindo a contribuir para a popularização deste tipo de veículos na região: as flutuações nos preços dos combustíveis fósseis, as isenções fiscais de que beneficiam os proprietários de veículos eléctricos e a rápida expansão da infra-estrutura de suporte. Porém, o custo de cada carregamento de um veículo eléctrico e os desafios associados à instalação de postos de carregamento individuais em parques de estacionamento privados ainda são temas que pesam na hora da decisão. Franco Liu explica: "Questões ligadas à gestão de estacionamentos em condomínios privados dificultam a instalação de postos de carregamento, o que pode ter impacto na disposição dos consumidores em adoptar veículos eléctricos".

Segundo dados da Direcção dos Serviços para os Assuntos de Tráfego, no final do ano passado, estavam em operação no território perto de 1200 postos de carregamento públicos para automóveis eléctricos ligeiros, disponíveis em auto-silos ou na via pública. A estes, somava-se um total de 550 postos de carregamento para motociclos e ciclomotores. O Governo tem como meta que o número total de postos de carregamento em locais públicos atinja a fasquia dos 4000 até 2030.

Em Macau, a compra de veículos eléctricos está isenta do Imposto sobre Veículos Motorizados. Além disso, os automóveis ligeiros, motociclos e ciclomotores eléctricos não precisam de pagar o Imposto de Circulação anual.

Com o objectivo de incentivar a substituição de motociclos mais antigos, a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental lançou, em Março de 2022, um programa de subsídios. Cada motociclo obsoleto substituído por um motociclo eléctrico novo podia receber um subsídio de 3500 patacas, além de isenções fiscais até um máximo de 5300 patacas. Face aos resultados positivos do programa, as autoridades decidiram ampliar a sua abrangência, tendo ainda estendido a sua duração até ao final de Maio deste ano.



Existem em Macau perto de 1200 postos de carregamento públicos para automóveis eléctricos ligeiros

para aplicação em baterias. O complexo deve começar a operar este ano, gerando cerca de cinco mil postos de trabalho. O objectivo da empresa é aumentar a capacidade de produção local, de forma a poder oferecer preços mais competitivos.

A BYD está igualmente a ampliar as suas operações na Ásia. A marca está a construir uma fábrica na Tailândia, programada para iniciar actividade ainda este ano, concentrando-se no fabrico de modelos destinados ao mercado local. Trata-se de um investimento de mais de 490 milhões de dólares americanos, para a produção anual de 150 mil veículos eléctricos de passageiros por ano.

Alfred Wong manifesta optimismo em relação ao desenvolvimento internacional das marcas chinesas, embora várias fabricantes chinesas de veículos eléctricos estejam ainda em fase de amadurecimento, incluindo a nível financeiro. O académico menciona o exemplo da expansão internacional das marcas sul-coreanas de automóveis a combustão: apesar de inicialmente, entre a segunda metade da década de 1970 e inícios da década de 1980, enfrentarem dúvidas quanto ao desempenho dos respectivos veículos, foram capazes de conquistar uma posição significativa na indústria automóvel global, com inovações tecnológicas contínuas. Na sua opinião, à medida que as marcas chinesas de veículos eléctricos continuarem a sua expansão internacional, a sua influência global será fortalecida.

Tal parece já estar a acontecer: grandes marcas estrangeiras, que inicialmente tinham apostado na produção de veículos híbridos, estão agora a procurar parcerias com empresas chinesas de carros eléctricos. O objectivo passa por utilizarem o "know-how" chinês de forma a acelerarem a sua própria transição para o segmento dos automóveis totalmente eléctricos.

Aposta nacional

O sucesso da indústria chinesa de veículos eléctricos deve-se também a uma estratégia governamental de apoiar o desenvolvimento do sector. Em 2009, o país começou oficialmente a implementar políticas de subsídios à aquisição de veículos eléctricos. Três anos depois, foi delineado um plano de desenvolvimento para esta área, com objectivos claros em diversos parâmetros. Os subsídios directos à aquisição de veículos eléctricos foram cancelados no final de 2022, mas existem ainda benefícios fiscais associados à sua compra.

O Governo chinês apoiou igualmente o lançamento de uma fábrica da Tesla em Xangai, a primeira unidade de produção da empresa fora dos Estados Unidos. A fase inicial do projecto entrou em operação em 2019, contribuindo também para o avanço da indústria de veículos eléctricos na China, nomeadamente através da introdução de concorrência externa. Devido à considerável capacidade de produção da unidade da Tesla – cerca de 1,1 milhões de automóveis por ano –, o complexo serviu para fomentar o desenvolvimento de várias empresas chinesas de fornecimento de peças para veículos eléctricos.

25%

Estimativa de crescimento para este ano do mercado chinês de veículos eléctricos e híbridos, segundo a Associação Chinesa de Carros de Passageiros

Alfred Wong destaca o apoio contínuo do Governo Central como um "factor crucial" para o desenvolvimento da indústria de carros eléctricos na China. O académico salienta que, em Setembro de 2020, o Presidente Xi Jinping anunciou o compromisso de a China atingir o pico de emissões de dióxido de carbono antes de 2030 e alcançar a neutralidade carbónica antes de 2060, objectivo esse que acelerou a popularização dos veículos eléctricos no mercado chinês.

Embora as empresas chinesas tenham já feito "investimentos significativos" em pesquisa e desenvolvimento no âmbito dos

veículos eléctricos, é preciso intensificar os esforços neste campo, diz Alfred Wong. Para atingir sucesso em diferentes países, é necessário compreender as necessidades específicas de cada mercado, sublinha o especialista. E dá um exemplo: "Algumas marcas automóveis estrangeiras que ingressaram no mercado de Macau no passado enfrentaram desafios relacionados não com a qualidade intrínseca dos seus carros, mas sim devido ao clima extremamente húmido do território, que danificava muitas peças dos veículos". Marcas chinesas que almejem entrar em mercados estrangeiros "precisam de ter um profundo entendimento dos hábitos locais e das condições das estradas", considera Alfred Wong.

O académico vê na diversidade de marcas chinesas de veículos eléctricos algo positivo. Além de marcas mais acessíveis, como a Wuling e BYD, há outras opções de gama média e alta, como a NIO, Xiaopeng e Li Auto, proporcionando uma ampla variedade de escolha aos consumidores.

Numa visita à fábrica da NIO em Hefei, no ano passado, Alfred Wong confessa ter ficado admirado pelo nível de inovação demonstrado pela empresa, nomeadamente no que toca às suas estações de troca de baterias. Esta tecnologia permite que os veículos eléctricos da marca realizem uma substituição automática da respectiva bateria em minutos, eliminando preocupações relacionadas com o carregamento e autonomia dos veículos.

Novos 'players' a caminho

Nos últimos anos, a produção de veículos eléctricos tornou-se num

> As marcas chinesas de carros eléctricos não apenas cativam os consumidores pela aparência dos seus veículos, desempenho e autonomia da bateria, mas também pelo preço muito atractivo
>
> **ALFRED WONG SENG FAT**
> ACADÉMICO DA UNIVERSIDADE DE MACAU



© DIREITOS RESERVADOS



© DIREITOS RESERVADOS

Stand em Estocolmo, na Suécia, da fabricante chinesa de automóveis eléctricos Xiaopeng

dos sectores mais dinâmicos na China, visando responder a uma nova onda de mudanças tecnológicas e transformações industriais, procurando elevar a estrutura industrial do país a um novo patamar de modernidade.

Neste contexto, muitas empresas tecnológicas chinesas têm vindo a diversificar os seus negócios para a indústria dos veículos eléctricos. Um dos casos é a fabricante de dispositivos de comunicação Huawei, que lançou a sua própria marca de veículos eléctricos, a Aito, em parceria com a construtora chinesa de automóveis Seres. A fabricante de smartphones Xiaomi também tem planos para uma gama própria de carros eléctricos, esperando lançá-la oficialmente no mercado ainda este ano.

Nas declarações à Revista Macau, Alfred Wong admite não estar surpreendido com a entrada na indústria automóvel destes gigantes chineses da tecnologia, até pelas oportunidades de negócio que o sector pode representar. O académico acredita que estas empresas já detêm parte significativa dos conhecimentos técnicos necessários, particularmente no campo das tecnologias inteligentes.

Apesar das perspectivas de crescimento contínuo para o sector dos veículos eléctricos na China, para 2024 está previsto um aumento da competição, a que se podem associar pressões por parte dos consumidores para descidas de preços. No entanto, o futuro, esse, continuará a acelerar em modo eléctrico.

ENTREVISTA

Macau tem vantagens únicas como destino MICE: Irwin Poon

O número de convenções e exposições (MICE, na sigla em inglês) em Macau registou uma rápida recuperação em 2023 e tem potencial para crescer ainda mais devido às vantagens "únicas" do território, "difíceis de reproduzir" noutros destinos. É o que afirma **Irwin Poon Yiu Wing**, presidente da Associação de Convenções e Exposições de Macau. Em entrevista à Revista Macau, o também vice-director-geral da Prime Marketing and Promotional Services diz que Hengqin pode complementar bem a oferta de Macau

Texto | **Stephanie Lai**
Fotografia | **Cheong Kam Ka**

Macau acolheu um total de 757 eventos nos primeiros nove meses de 2023, com mais de 1,2 milhões de participantes. A recuperação foi mais rápida do que esperavam?

Quando analisamos os números dos primeiros três trimestres de 2023, é possível ver que, embora o número de eventos tenha recuperado para cerca de 70 por cento [do período homólogo] de 2019, o número de participantes já está acima dos 90 por cento. Isto demonstra que, embora haja menos eventos, o número de participantes [por evento] está a crescer a um ritmo mais rápido.

Olhando para o sector das convenções e exposições nos mais variados mercados internacionais – como a Tailândia, a Europa ou os Estados Unidos –, já se registou uma elevada recuperação no número de eventos, semelhante aos níveis de 2019. Mas vários destes mercados relaxaram as restrições aos movimentos transfronteiriços [associadas à COVID-19] um ano antes de nós; Macau só levantou todas as restrições no início de 2023. Contudo, no curto espaço de apenas um ano, já vimos uma recuperação de 70 por cento em termos do número de eventos. Isso é bastante encorajador para o sector MICE da cidade.

O que esteve na base da rápida recuperação observada no ano passado?

A recuperação foi, maioritariamente, impulsionada pelo mercado do Interior da China, que é um enorme



> Em 2024, esperamos que a cidade acolha cerca de 1500 eventos, a rondar o mesmo número de 2019

mercado que serve também muitos outros sectores em todo o mundo. Macau é um bom destino para eventos MICE e é por isso que a recuperação aconteceu a um ritmo tão rápido. Tem havido uma forte procura de viagens por parte de muitas províncias do Interior da China e o processo de reabertura esteve em sintonia com Macau. Como tal, vários organizadores de eventos MICE do Interior da China decidiram [em 2023] regressar aos mercados de Macau e Hong Kong, ou até procurar mercados internacionais através destas duas cidades.

No que diz respeito aos eventos internacionais, a preparação e planeamento leva entre dois e três anos. Por isso, é difícil estes eventos internacionais regressarem a Macau logo após a cidade ter reaberto as fronteiras no início de 2023. Embora o número de eventos no território em 2023 possa ter recuperado para cerca de 70 por cento comparativamente a 2019, ainda levará algum tempo para que os organizadores, expositores e participantes em eventos internacionais regressem à região.

No período pós-pandémico, o sector observou alguma mudança assinalável no que toca à estadia dos participantes na cidade ou à própria duração dos eventos?
O tempo de permanência [dos participantes] realmente depende do tipo de evento. Pelo que observei, os participantes em eventos no território estavam geralmente mais entusiasmados. Este facto também foi evidenciado nas estatísticas referentes aos participantes em eventos MICE nos primeiros três trimestres de 2023.

Um factor importante por detrás desta procura prende-se com o facto de os eventos presenciais terem sido cancelados durante um longo período durante a COVID-19, tanto no Interior da China como no resto do mundo. Isso levou a que as pessoas ficassem mais entusiasmadas em participar presencialmente em eventos assim que se tornou viável.

O modelo híbrido, com o recurso ao formato online para complementar um evento presencial, tornou-se um modelo cada vez mais adoptado em mercados internacionais após a COVID-19. Podemos esperar o mesmo em Macau?

O modelo híbrido – que combina os formatos online e presencial – foi adoptado por vários organizadores de eventos aqui em Macau, dado que permite aos interessados participarem num evento, mesmo que não possam marcar presença fisicamente.

Mas os eventos MICE são, no fundo, encontros entre pessoas, algo que não é facilmente substituído por um evento exclusivamente online. Alguns processos negociais exigem um encontro presencial, que não pode ser feito através de um telefonema ou reunião numa plataforma digital.

Acho que o modelo híbrido certamente ajuda os organizadores a serem mais flexíveis, mas, ao mesmo tempo, não tem um impacto negativo nos eventos presenciais. As pessoas não perderão a oportunidade de participar num evento só porque existe a opção do formato digital.

No ano passado, o custo do alojamento em Macau – um mercado em que predominam os hotéis de cinco estrelas – recuperou rapidamente para níveis pré-COVID. Como é que o sector das convenções e exposições lida com esta questão?

Esta é uma grande pressão para os organizadores de eventos, especialmente na época alta para o sector, usualmente de Abril a Junho e de Setembro a Dezembro. É difícil traçar um cenário generalizado para os organizadores de eventos, mas alguns tentam resolver o problema ajustando os seus custos, por exemplo, providenciado menos opções de refeições [para os participantes em eventos], a fim de compensar os custos dos quartos de hotel.

Este é um método quando não há muitas outras soluções disponíveis. Mas, na verdade, o custo dos quartos de hotel tem impacto na taxa de participação e no número de eventos a serem realizados em Macau.

© INSTITUTO DE PROMOÇÃO DO COMÉRCIO E DO INVESTIMENTO DE MACAU



O território voltou a acolher no ano passado vários eventos de grande dimensão

O sector das convenções e exposições é um negócio com muita competição entre várias cidades: Macau pode competir por um evento contra Hong Kong, ou Guangzhou, ou Banguecoque. No entanto, esta é uma economia de mercado: os organizadores só podem resolver o problema tentando reduzir os custos noutras partes do evento.

Além do custo de alojamento, quais são usualmente os itens mais dispendiosos na organização de um evento?

O aluguer do espaço para o evento, a construção de stands e os recursos humanos. O aluguer dos espaços e o alojamento, em específico, são os itens com os custos mais elevados.



> A infra-estrutura de Macau é uma vantagem única para o sector das convenções e exposições

Muitos sectores em Macau foram afectados pela redução do número de empregos devido à COVID-19, incluindo o das convenções e exposições. Com a recuperação observada em 2023, a disponibilidade de recursos humanos para a organização de eventos tornou-se num desafio para o sector?

O pico [em termos de pessoal empregado] ocorreu em 2019, quando o sector das convenções e exposições, juntamente com a indústria publicitária, empregava mais de 3000 trabalhadores. Embora alguns empregos tenham sido cortados durante os três anos afectados pela COVID-19, algumas pessoas optaram voluntariamente por mudar de ramo. O confluir destas situações levou a que, eventualmente, cerca de um terço dessa força de trabalho tenha desaparecido durante o período da pandemia.

O sector das convenções e exposições valoriza muito a experiência dos profissionais, portanto, quando tantos trabalhadores experientes abandonaram o sector, isso teve um grande impacto. Para compensar as perdas em termos de mão-de-obra, procurámos soluções que incluíram o recrutamento de recém-licenciados ou de jovens que procuravam emprego, apostando depois na sua formação.

O processo de formação, porém, leva tempo. Além do pessoal administrativo, o sector também precisa de construtores de stands, que são procurados para qualquer exposição de grande escala que abranja centenas de participantes. No que diz respeito aos construtores de stands, houve uma redução no número de trabalhadores [durante a pandemia], mas a Direcção dos Serviços para os Assuntos Laborais e as associações comerciais do sector estão a organizar alguns cursos de formação sobre técnicas de construção de stands, iluminação e montagem áudio, com o objectivo de atrair mais trabalhadores.

O sector quer organizar mais eventos, para que o seu número possa regressar ao nível de 2019 ou mesmo ultrapassá-lo. Em 2023, vimos algumas caras novas e até alguns antigos trabalhadores regressarem ao sector, mas até agora não se conseguiu ainda preencher totalmente o número de postos de trabalho que se perdeu.

O Governo anunciou um programa de recrutamento de talentos que abrange também o sector das convenções e exposições. Quão importante é esta política para dar um novo ímpeto ao sector?

Sim, irá ajudar o sector. Mas quando se presta atenção aos detalhes deste programa, os requisitos profissionais são bastante elevados: não se pede apenas que o candidato tenha uma licenciatura em estudos relacionados com o sector, mas também existem exigências quanto ao ranking da universidade onde o candidato completou estudos. Além disso, a definição dos talentos-alvo [para o sector das convenções e exposições] ao abrigo deste programa visa atrair pessoal de gerência, em cargos intermédios ou seniores.

Certamente, as questões relacionadas com recursos humanos devem ser resolvidas de múltiplas formas: uma é este programa de recrutamento da Comissão de Desenvolvimento de Quadros Qualificados; a outra assenta na premissa de que o sector tem de continuar a trabalhar com o Governo e as unidades de ensino superior na formação e educação de novos profissionais.

Qual a vossa expectativa no que toca à recuperação do sector este ano?

A nossa expectativa está alinhada com a meta traçada pelo Governo: em 2024, esperamos que a cidade acolha cerca de 1500 eventos, a rondar o mesmo número de 2019.

Qual o papel das infra-estruturas de transporte e das políticas de apoio do Governo, como o sistema de incentivos do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), para os organizadores de eventos?

A rede de transportes que Macau tem agora, em comparação com 2019, é melhor: o sistema de metro ligeiro de Macau está agora mais desenvolvido, com mais paragens ao longo da rota. Os serviços de autocarro também evoluíram e ajudam os visitantes a chegarem directamente a Macau a partir da área restrita do Aeroporto Internacional de Hong Kong através da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau. Esta é uma solução de viagem integrada que ajuda Macau, uma vez que não temos muitos voos internacionais, especialmente de longa distância. Portanto, o sector não está tão preocupado com a infra-estrutura [de transportes].

O sistema de incentivos do IPIM é um bónus e uma ferramenta que visa ajudar o sector a atrair mais expositores e visitantes. Mas esperamos que o sector possa orientar-se mais para o mercado e que não dependa apenas dos incentivos governamentais.

Macau tem o "know-how" e a infra-estrutura apropriada como um destino MICE. Macau é, a nível mundial, a cidade com maior número de hotéis de cinco estrelas da Forbes, e recebeu o prémio "Melhor Cidade de Convenções da Ásia" [numa cerimónia da "M&C Asia Stella Awards", organizada em 2023].

Estas distinções são uma óptima imagem de marca para Macau. Para uma cidade de pequena dimensão, temos mais de 40 mil quartos de hotel – são equipamentos que garantem uma grande vantagem para o território.

Outro benefício é o facto de termos também a imagem como um "Centro Mundial de Turismo e Lazer", aliando a cultura e património a uma oferta diversificada de entretenimento. Assente nestes pilares, o sector das convenções e exposições tem as condições para evoluir de forma saudável num ambiente liderado pelo mercado, onde os incentivos servem apenas como uma ferramenta para ajudar o sector a expandir-se.

Para além do mercado do Interior da China, acha que Macau é competitivo em relação a outros destinos regionais para atrair eventos internacionais?

Certamente. Macau tem grande capacidade para receber visitantes e uma elevada qualidade de serviço, não só neste sector, como também na área do turismo. Por exemplo, olhando aqui para as cidades na região envolvente, é difícil encontrar um lugar que possa alojar mais de 3000 pessoas no mesmo espaço, mesmo em cidades como Hong Kong, Banguecoque, Singapura ou outros lugares no Sudeste Asiático. Em Macau, isso



> O sector das convenções e exposições tem as condições para evoluir de forma saudável num ambiente liderado pelo mercado

é possível no Cotai. A infra-estrutura de Macau – o aglomerado de hotéis, as instalações de apoio e a rede de transportes – é uma vantagem única para o sector das convenções e exposições.

Além disso, Macau também é forte como destino de turismo e lazer. Temos ofertas variadas para além do jogo: compras, gastronomia, cultura e vários hotéis de cinco estrelas. Isto é algo muito difícil de reproduzir noutros destinos. Portanto, o sector das convenções e exposições de Macau tem vantagens únicas e estou confiante de que será capaz de acolher mais eventos no futuro.

Para além de oferecer incentivos [aos organizadores de eventos], o IPIM tem organizado diversas viagens e eventos noutras cidades para promover Macau como destino MICE, bem como levado representantes do sector local a reuniões anuais de organizações internacionais como a ICCA [Associação Internacional de Congressos e Convenções] e a UFI [Associação Global da Indústria de Exposições]. Estas iniciativas ajudam-nos a expandir a rede de contactos e isso tem sido determinante para o sector alargar o leque de clientes.

Que papel desempenha Hengqin em termos de complementaridade para o sector das convenções e exposições de Macau?

Hengqin é uma plataforma que tem potencial para ajudar a expandir o nosso sector. Macau é um território de pequena dimensão e Hengqin é muito maior. No âmbito da iniciativa de diversificação económica "1+4" de Macau, pretende-se desenvolver um maior número de actividades económicas, o que será definitivamente uma vantagem para o sector das convenções e exposições.

Várias empresas ligadas ao sector já têm escritórios em Hengqin. Aos poucos, mais eventos serão realizados lá, e quando houver mais detalhes sobre as políticas de apoio em termos de viagens, fluxo de capitais, recursos humanos e fluxo logístico, o sector provavelmente terá maior interesse em expandir-se para Hengqin.

GUINÉ-BISSAU

DA COSTA AO CAJU, UM FUTURO PROMISSOR

A castanha-de-caju da Guiné-Bissau deve chegar ainda este ano aos supermercados da China, mas Bissau conta também com Pequim para ajudar a edificar unidades de processamento de castanha-de-caju no país africano, diz **Abdu Jaquité**, delegado da Guiné-Bissau junto do Secretariado Permanente do Fórum de Macau. Por outro lado, são também os sectores da agricultura, das pescas, da extracção mineira e do turismo que fazem do país uma das economias do futuro

Texto | **Marco Carvalho**

UM país por explorar. Com reservas significativas de bauxite, de fosfato e de areias pesadas, a Guiné-Bissau é, assegura Abdu Jaquité, uma jóia à espera de ser esmerilada. O representante da Guiné-Bissau junto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) – também conhecido como Fórum de Macau – coloca "a prospecção e mineração dos recursos minerais existentes" entre os pilares fundamentais sobre os quais se alicerça o desenvolvimento económico do país.

Mas, enquanto o potencial das jazidas mineralógicas não se concretiza plenamente, é outra mais-valia natural – a castanha-de-caju – que continua a alavancar a economia guineense, debilitada por décadas de fragilidade política e institucional.

Tido como um produto estratégico para o desenvolvimento da economia do país, ao ponto de as autoridades de Bissau terem fixado no ano passado um preço base de comercialização, a castanha-de-caju nutre, em grande medida, a economia do país da costa ocidental africana. De acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, em 2022, mais de 70 por cento das famílias guineenses retiraram o seu sustento da produção de caju. No ano passado, os resultados da campanha de comercialização do caju ficaram aquém do desejado pelos produtores e pelo Governo guineense, mas da China pode chegar, ainda este ano, um novo fôlego para o sector.

"Tenho estado a tratar de um processo, que é o processo de autorização de entrada da castanha-de-caju da Guiné-Bissau na República Popular da China, tendo em conta que a China é um dos maiores consumidores mundiais deste produto", adianta Abdu Jaquité. "Nesta altura, estamos a envidar esforços para que, neste ano



agrícola, seja permitida a entrada dos produtos agrícolas da Guiné-Bissau, em especial de castanha-de-caju da Guiné-Bissau, no mercado chinês", complementa o responsável.

A Guiné-Bissau é um dos maiores produtores mundiais de castanha-de-caju, atrás apenas da Índia, do Vietname e da Costa do Marfim, mas o produto que assegura a sustentabilidade económica da maior parte das famílias guineenses é exportado em bruto para países terceiros para ser descascado, torrado e transformado, num processo em que o valor acrescentado é praticamente nulo.

Capital natural

O Governo guineense está, no entanto, apostado em alterar esse cenário, com a ajuda de investimento chinês. Em Outubro de 2022, as autoridades de Bissau assinaram dois memorandos de entendimento com o Grupo Human Construção e Investimentos. A empresa estatal chinesa assumiu a intenção de adquirir, numa primeira fase, a totalidade da produção de castanha-de-caju guineense para processamento na China, antes de, posteriormente, investir na construção de unidades fabris de transformação no país.

Os acordos, sublinha Abdu Jaquité, estão perfeitamente alinhados com os objectivos estratégicos do Governo da Guiné-Bissau, que incluiu o desígnio do processamento da castanha-de-caju em território nacional entre os projectos que candidatou a financiamento por parte do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa.

"O Governo gostava de ver aprovado financiamento em projectos de transformação de matérias-primas da

Guiné-Bissau, nomeadamente no que toca à construção de fábricas de processamento de castanha-de-caju", afirma o representante guineense. "Candidatámos ao Fundo de Cooperação projectos ligados às indústrias transformadoras, projectos de energias renováveis, construção de portos e prospecção de recursos minerais", acrescenta.

Com uma posição estratégica na costa ocidental africana, a Guiné-Bissau é rica em recursos naturais, muitos dos quais nunca foram explorados de forma concertada e intensiva. Um estudo conduzido pelo Banco Mundial, em 2018, concluiu que 30 por cento da riqueza do país tinha directamente origem nos recursos naturais. O capital natural ligado a sectores como a agricultura, as pescas e o turismo, confirma Abdu Jaquité, é visto pelas autoridades do país como fundamental para o desenvolvimento nacional e são esses também os domínios da actividade económica que se prefiguram como mais promissores para eventuais investidores estrangeiros que queiram apostar no país.

"É um país constituído por uma parte continental e outra parte insular, com mais de 88 ilhas. Os sectores com maior potencialidade para investimento são, desde logo, a agricultura, as pescas e o turismo. Os projectos de interesse empresarial no sector da indústria, do comércio e das energias renováveis podem ser também explorados", sustenta o representante guineense no Fórum de Macau.

"Trata-se de um país por explorar. Possui grandes reservas minerais de recursos como o fosfato, a bauxite, areias pesadas, ouro e petróleo em prospecção, que são recursos importantes para o desenvolvimento da economia mundial, mas o país possui também recursos naturais valiosos, como a madeira e o pescado", complementa Abdu Jaquité, que desempenha também



O turismo é um dos sectores com maior potencial de investimento na Guiné-Bissau

© DIREITOS RESERVADOS

> A Guiné-Bissau pode ser a porta de entrada de Macau para os Países da África Ocidental
>
> **ABDU JAQUITÉ**
> DELEGADO DA GUINÉ-BISSAU JUNTO DO FÓRUM DE MACAU



o cargo de coordenador do Gabinete de Ligação dos Países de Língua Portuguesa.

Parceiro fundamental

O desenvolvimento do tecido industrial da Guiné-Bissau está, ainda assim, em grande medida dependente da melhoria da rede de infra-estruturas do país, sector em que a presença da China é cada vez mais visível. Os principais edifícios públicos de Bissau – como o Palácio do Governo, o Palácio da Justiça ou o edifício do Parlamento – foram edificados ou reconstruídos com financiamento chinês e está actualmente em construção a primeira auto-estrada do país.

"A China é um parceiro fundamental para o estado guineense e isso reflecte-se nas infra-estruturas erguidas com o seu apoio, como o edifício da Assembleia Nacional Popular, no coração da nossa cidade. Temos ainda como exemplos desta dinâmica a construção do Palácio do Governo e do Palácio da Justiça, bem como a renovação completa do Palácio Presidencial", ilustra Abdu Jaquité.

"Várias unidades hospitalares e escolares também foram construídas com a participação da China, assim como aquele que é o nosso maior estádio de futebol, o Estádio 24 de Setembro. Actualmente, a China está a construir uma auto-estrada que liga [Safim] à capital, Bissau, e que vai constituir o principal ponto de acesso à cidade", sustenta o delegado guineense.

A Guiné-Bissau junta às potencialidades internas a cartada da integração económica regional. O país é um dos 15 estados-membros da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), organização com o potencial para abrir as portas a um mercado com 350 milhões de consumidores.

"A Guiné-Bissau pode ser a porta de entrada de Macau para os Países da África Ocidental, tendo em conta que a Guiné-Bissau integra a CEDEAO, uma comunidade composta por 15 estados-membros, com mais de 350 milhões de consumidores e que pratica uma política de livre circulação de pessoas, bens e capitais", sublinha Abdu Jaquité. "O investimento na Guiné-Bissau é uma porta de entrada para este mercado comunitário e Macau pode fazer o mesmo para a Guiné-Bissau. Pode ser a porta de entrada da Guiné-Bissau para o mercado asiático, em concreto para esse vasto país que é a República Popular da China."

VER VÍDEO AQUI

SAÚDE

Medicina chinesa conquista

Popularmente conhecida no cuidado de dores crónicas, a medicina tradicional chinesa é cada vez mais procurada pelos moçambicanos. Esta é uma opção cada vez mais viável como técnica complementar ao tratamento clínico de várias doenças, dizem à Revista Macau dois especialistas baseados na capital moçambicana

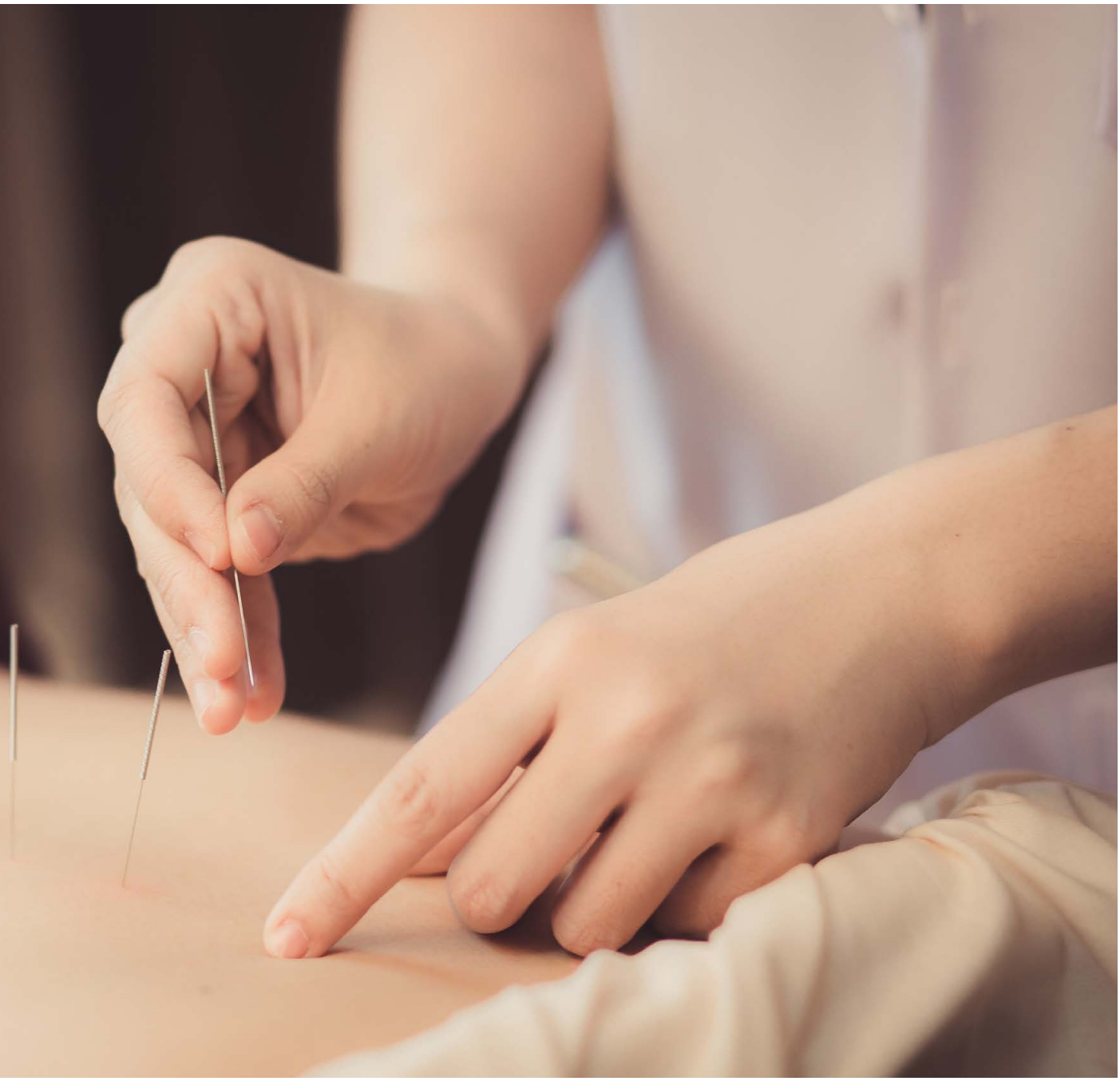
Texto | **Jaime Álvaro**


© DIREITOS RESERVADOS

NO âmbito da medicina tradicional chinesa, o corpo humano possui uma energia vital e os problemas de saúde – tanto do foro físico como mental – são causados pelo desequilíbrio dessa energia. Para que o corpo e a mente se encontrem em perfeita harmonia, há anos que a medicina tradicional chinesa usa uma variedade de terapias complementares – incluindo a acupunctura e o uso de plantas medicinais – no tratamento clínico de várias doenças crónicas.

A acupunctura médica, praticada por especialistas certificados, é um método de diagnóstico e tratamento utilizado em algumas situações clínicas, que permite a correcção de certas alterações e uma melhoria do funcionamento orgânico global. Estas correcções são efectuadas através da introdução de pequenas agulhas em determinados locais anatómicos, promovendo no organismo o restabelecimento da fisiologia através de efeitos locais.

adeptos em Moçambique



A Organização Mundial de Saúde tem uma lista mais de 40 doenças para as quais a acupuntura é indicada

A Organização Mundial de Saúde lista mais de 40 doenças para as quais a acupunctura é indicada. Esta e outras terapêuticas não convencionais auxiliam o tratamento de diversos tipos de doenças, como distúrbios digestivos, respiratórios ou neurológicos. Nos últimos anos, estas técnicas tornaram-se populares em Moçambique.

Na Clínica Chinesa de Massagem do Dr. Yang, foram já vários os casos de pacientes que se assumiram surpreendidos com os resultados da terapia.

"Já recebemos e tratámos vários pacientes com casos complicados. Muitos chegam aqui com poucas esperanças, mas saem daqui curados. Um dos nossos pacientes, que devido às dores não conseguia falar, ficou melhor e recuperou a fala após a nossa intervenção", disse Wei Yang em entrevista à Revista Macau.

A paixão por Moçambique

Wei Yang é um especialista em medicina tradicional chinesa. Natural de Chongqing, município no sudoeste da China, Wei Yang mudou-se aos 18 anos para Pequim, para prosseguir os estudos na área da medicina tradicional chinesa. Após ter concluído a formação, voltou para a sua cidade natal, onde abriu a primeira clínica com um amigo.

Em 2014, Wei Yang visitou Moçambique com o objectivo de investir no país. No mesmo ano, abriu uma



© DIREITOS RESERVADOS

A China tem apoiado a formação de profissionais de medicina tradicional chinesa nos países de língua portuguesa

clínica com a ajuda do cunhado, também especialista em acupunctura.

"Sempre tive esse espírito aventureiro. Nunca gostei de ficar no mesmo lugar. Gosto de trabalhar fora, de conhecer outros países e beber das suas culturas. Por isso, quando recebi o convite do meu cunhado para vir a Moçambique não pensei duas vezes, fiz logo as malas", conta o médico empreendedor.

"Decidi ficar porque Moçambique é um país muito seguro, comparado com outros países africanos que já tive a oportunidade de visitar. Tem um clima quente que eu gosto, as pessoas aqui são amáveis e a comida local é deliciosa". Especializada na prática de acupunctura, a clínica atende vários pacientes, incluindo pacientes que não têm capacidade de pagar o tratamento, refere Wei Yang.

"Primeiro, damos prioridade à saúde e só depois pensamos no dinheiro. Vezes sem conta, temos recebido muitos idosos que procuram tratamento, mas não podem pagar", explica o especialista, que assume que uma das missões da clínica é ajudar a transferir conhecimento e formar funcionários locais.

Jenny Zandamela, uma das funcionárias da clínica, tem aprendido técnicas de massagem para tratamentos não-convencionais.

"A minha massagem é especializada para pessoas que tenham tido problemas associados a acidentes vasculares cerebrais ou hérnias. Também faço reflexologia, que é uma massagem à planta do pé, e massagens para relaxamento", diz a massagista.

A clínica emprega um total de seis mulheres entre os seus sete funcionários. Segundo o fundador, esta foi uma das formas que a clínica encontrou para empoderar as mulheres moçambicanas.

Cooperação e formação

Em Moçambique, a população tem demonstrado um interesse crescente por estas medicinas e terapêuticas, procurando terapias não-convencionais que permitem uma abordagem mais proactiva da sua saúde.

Em 2018, o Ministério da Saúde de Moçambique introduziu a acupunctura nos principais hospitais provinciais das regiões centro e norte do país, depois de sessões de formação ministradas por médicos chineses, no âmbito da cooperação bilateral entre Moçambique e a China.

As autoridades chinesas têm contribuído para a formação de profissionais na área da medicina tradicional chinesa nos países de língua portuguesa, com Macau a desempenhar um papel importante neste contexto, tanto através do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) como do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong-Macau.

© DIREITOS RESERVADOS



Wei Yang abriu uma clínica em Moçambique em 2014

© DIREITOS RESERVADOS



Luís Damas exerce a actividade há mais de 20 anos

O desenvolvimento da medicina tradicional chinesa em Macau tem sido fortemente apoiado pelas autoridades do Interior da China, com Macau a reforçar a promoção do investimento nesta indústria, incluindo na área da formação de especialistas.

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem procurado tornar o território num centro internacional de inovação e investigação científica na área da medicina tradicional chinesa, expandindo a comercialização de produtos para os países de língua portuguesa.

O teste da pandemia

Durante a pandemia, vários negócios em Moçambique foram afectados por restrições ligadas à COVID-19. Mas na Clínica de Acupunctura Luís Damas as coisas foram diferentes, com muitos pacientes a procurarem os seus serviços durante os períodos de confinamento. A medicina tradicional chinesa acabou por ser uma grande aliada contra a depressão e a ansiedade, segundo o especialista.

"A desinformação sobre a COVID-19 aumentou o receio entre as pessoas. O primeiro procedimento que eu tinha era falar com as pessoas, fornecer maior quantidade de informação científica, porque as coisas não eram assim tão graves. E depois era tratar a ansiedade", diz o médico especialista em acupunctura.

Luís Damas, que estudou acupunctura na Escola de Medicina Oriental e Terapêuticas em Portugal, exerce a actividade há mais de duas décadas.

"O interesse pela acupunctura surgiu através de uma amizade que tive com um mestre chinês das artes marciais. Ele ensinou-me as artes marciais e as artes marciais chinesas tradicionais estão muito ligadas à acupunctura, aos pontos vitais. Porque nós aprendemos a manipular, a bater, a bloquear determinados pontos no corpo que são pontos ligados à acupunctura. Portanto, fiquei muito ligado à filosofia chinesa, às artes marciais e às filosofias do Taoísmo e do Confucionismo", explica o acupuncturista, nascido em Nacala, na província moçambicana de Nampula.



© DIREITOS RESERVADOS

> Primeiro, damos prioridade à saúde e só depois pensamos no dinheiro. Temos recebido muitos idosos que procuram tratamento, mas não podem pagar
>
> **WEI YANG**
> FUNDADOR DA CLÍNICA CHINESA DE MASSAGEM DO DR. YANG

> O interesse pela acupunctura surgiu através de uma amizade que tive com um mestre chinês das artes marciais
>
> **LUÍS DAMAS**
> FUNDADOR DA CLÍNICA DE ACUPUNCTURA LUÍS DAMAS



© DIREITOS RESERVADOS

Luís Damas, que já teve centros de acupunctura em Lisboa, White River e Pretória, na África do Sul, e agora em Maputo, capital de Moçambique, é membro associado da Fundação Europeia de Medicina Tradicional Chinesa.

Visão holística

Nos últimos anos, Luís Damas realizou inúmeras sessões de acupunctura relacionadas com as mais variadas doenças, como desequilíbrios hormonais, problemas digestivos, respiratórios ou renais.

"Procurei o tratamento terapêutico da medicina chinesa porque não conseguia andar, por causa da dor causada por um nervo ciático. Experimentei e estou muito feliz com o resultado. Logo na primeira sessão já me sentia bem melhor. Hoje já consigo andar sem dores", refere Valérie Morais, uma das pacientes da Clínica de Acupunctura Luís Damas.

O tempo de tratamento, salienta Luís Damas, depende de cada paciente. Nos casos mais complexos, a técnica pode ser aplicada até três vezes por semana, mas na maioria das vezes um atendimento semanal é o suficiente para complementar o tratamento convencional.

"Já tive um caso de uma paciente que tinha um problema grave. Não conseguia mexer o pescoço e tinha dores que começaram a expandir-se para o braço. Num mês de tratamento ficou curada", conta o especialista.

"Já tratei uma paciente de 57 anos de idade com o sistema imunitário altamente comprometido, diabética dependente de insulina. Fiz apenas cinco tratamentos até ela melhorar", acrescenta.

A acupunctura "é uma medicina holística", explica Luís Damas. "Daí ser importante conhecer o paciente. É diferente de prescrever um medicamento. Posso fazer o mesmo tratamento a 20 pessoas, mas o resultado e os efeitos desse tratamento não serão tão bons como se fizer uma terapia específica para cada um deles."

"Há estudos científicos que demostram que a cura do cancro sempre implicou a mudança da própria pessoa", sublinha. É exactamente igual nas sessões de tratamento através da acupunctura, defende Luís Damas.

EXPOSIÇÃO

Recordar Lok Cheong



A exposição retrospectiva sobre a obra de Lok Cheong está patente até 7 de Abril

pela arte



Trata-se de um dos nomes cimeiros da arte em Macau na segunda metade do século XX: Lok Cheong é agora recordado através de uma mostra retrospectiva alargada, que aborda não só a sua obra, mas também as suas contribuições para o meio artístico local e para a comunidade

Texto | **Cherry Chan**
Fotografia | **Wong Sio Kuan**

É TAREFA complexa sintetizar o impacto de Lok Cheong no panorama artístico local. Além das suas evidentes qualidades enquanto pintor multidisciplinar, teve um papel de grande relevo ao nível do associativismo no campo das artes, bem como na promoção de novos talentos. De forma a dar palco às diferentes facetas do artista, o Museu de Arte de Macau está a dedicar-lhe uma grande exposição retrospectiva, ocupando todo o terceiro piso do museu.

Nas palavras da presidente do Instituto Cultural, Deland Leong Wai Man, Lok Cheong foi "um dos pilares do círculo artístico de Macau, tendo apoiado jovens artistas a despontar, unido amantes da arte e promovido o intercâmbio cultural com o Continente chinês". De acordo com a responsável, as obras do artista são "altamente expressivas", reflectindo "uma forte paixão e empatia para com a vida, o povo e a sua Pátria".

Inaugurada em finais de Novembro e patente até 7 de Abril, a exposição "Retrospectiva Centenária da Arte de Lok Cheong" visa assinalar os 100 anos do nascimento do artista, falecido em 2006, aos 83 anos de idade. A mostra apresenta uma centena de pinturas de Lok Cheong, juntamente com alguns dos seus desenhos, bem como obras da autoria de artistas seus contemporâneos com quem manteve laços de amizade. Ao todo,

são 150 peças, incluindo trabalhos a óleo, aguarelas, manuscritos e documentos pessoais. A exposição abarca a obra de Lok Cheong desde a década de 1950 até um ano antes da sua morte, cobrindo uma ampla gama de temas que, no seu conjunto, ilustram a vida, carreira e legado do artista.

A diversidade do percurso de Lok Cheong está patente ao longo da exposição. Destacam-se, numa primeira fase do artista, as pinturas de grandes dimensões de figuras humanas, bem como os retratos em aguarela. Mais tarde, Lok Cheong foca-se mais na criação de paisagens em aguarela e pinturas chinesas. Durante um longo período, a sua obra é permeada por uma figuração realista e um forte sentido de patriotismo: são trabalhos em especial a óleo que revelam um poder de observação apurado, retratando as condições de vida que observava à sua volta e exprimindo um forte sentido humanista.



A mostra apresenta uma centena de pinturas de Lok Cheong, juntamente com alguns dos seus desenhos

Homem multifacetado

Foram muitas as peles que o artista vestiu ao longo da sua vida. Uma das facetas de Lok Cheong bem patentes na exposição é o seu domínio de diferentes técnicas de pintura, obtido de forma autodidacta, da aguarela à pintura a óleo ou com recurso à tinta-da-china. "Os artistas desta geração pintavam recorrendo a diferentes formatos, utilizavam todo o tipo de materiais, não se limitavam a uma única técnica", explica Ng Fong Chao, curador da exposição, em declarações à Revista Macau. Segundo o responsável, Lok Cheong foi, aliás, um dos defensores, entre a sua geração, das técnicas de pintura ocidental, embora também se tenha evidenciado no uso de técnicas de pintura de estilo chinês.

Os contributos patrióticos de Lok Cheong são também recordados ao longo da mostra no Museu de Arte, merecendo uma secção própria. De resto, depois da fundação da República Popular da China, o artista trabalhou, durante muitos anos, na construção de arcos decorativos (conhecidos em chinês como "pailou") para a celebração em Macau do denominado "Dia da Nação". O curador Ng Fong Chao fala numa "consistente expressão de amor pelo País" por parte de Lok Cheong através da sua arte, "a qual contribuiu para despertar no público o amor à Pátria".

No campo do associativismo cultural, Lok Cheong procurou desde cedo promover um melhor conhecimento por parte dos artistas de Macau do que se passava em termos artísticos do lado de lá das Portas do Cerco. "Lok Cheong realizava frequentemente intercâmbios com grupos do Interior da China", procurando construir pontes duradouras, nota Ng Fong Chao. E acrescenta: "A falta de compreensão leva muitas vezes à resistência. Lok Cheong levou jovens artistas em viagens de desenho pelo Interior da China, não só para melhorarem a sua arte, mas também para os ajudar a compreender melhor o país".

Voltando à organização da exposição, Ng Fong Chao explica que cada uma das cinco secções da mostra foi concebida por razões específicas. "Captando o Carácter de Macau", por exemplo, apresenta pinturas





Lok Hei, um dos filhos de Lok Cheong e também artista de renome

de paisagens da cidade; já a secção "Retratos" inclui uma série de pinturas representando figuras de relevo. "Visitando a exposição e percorrendo o itinerário estabelecido, o público pode retraçar a vida de Lok Cheong e conhecer o seu percurso artístico", explica o curador.

Da arte à sociedade

Nascido em 1923 no Interior da China, na prefeitura de Xiangshan – actual cidade de Zhongshan, na província de Guangdong –, Lok Cheong veio ao mundo como Lok Hau Cheong. Acabaria por mudar-se para Macau, regressando mais tarde, em 1935, à província de Guangdong, para viver em Guangzhouwan (actual Zhangjiang).

Durante a Guerra de Resistência contra o Japão, trabalhou em design tipográfico e criou numerosos cartazes de propaganda anti-japonesa. Regressou depois a Macau onde, em 1948, casou com Choi Keng Chan, também conhecida por Wa Ka.

Trabalhou como artista gráfico para alguns dos principais cinemas de Macau, tendo estabelecido o Grupo de Arte Camelo e sendo um dos fundadores, em 1952, do Sindicato do Cinema de Macau. Em 1956, Lok Cheong junta-se a vários outros artistas para fundar a Associação de Pesquisa Artística de Macau. No mesmo ano, é promovida a organização da primeira edição da Exposição de Belas-Artes de Macau. Em 1967, a associação passa a ser designada por Associação dos Artistas de Belas-Artes de Macau, com Lok Cheong no posto de director e, mais tarde, de presidente, cargo que viria a exercer por vários anos.

As suas obras foram expostas na sexta, sétima e oitava edições da Exposição Nacional de Belas-Artes da China. Em 1984, o artista é mesmo galardoado com um Prémio Extraordinário na sexta Exposição Nacional de Belas-Artes pelo trabalho "Estrada de Seixos". A obra seria depois integrada na colecção do Museu Nacional de Arte da China.



“Raízes”, 1996, aguarela sobre papel



“Regresso a casa”, 1962, óleo sobre tela

Em 2001, o percurso ímpar de Lok Cheong vale-lhe a Medalha de Mérito Cultural por parte do Governo da então recém-criada Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). No mesmo ano, é lhe dedicada no território uma mostra retrospectiva, consistindo em mais de 60 pinturas suas, sendo ainda publicado um livro dedicado à sua obra.

À vida artística de Lok Cheong esteve associada também uma forte componente cívica. O artista foi nomeado na década de 1980 membro do Conselho Consultivo para a Lei Básica da RAEM. Além disso, foi chamado a integrar o painel do Comité de Selecção para a Bandeira e Emblema da RAEM. Foi ainda membro da Comissão de Selecção do Primeiro Governo da RAEM.

Da família para o museu

A maioria do espólio que compõe a exposição agora patente no Museu de Arte é fruto da doação, em 2020, por parte da família de Lok Cheong, de uma porção substancial do acervo do artista, incluindo obras que lhe tinham sido oferecidas por alguns dos seus amigos. Na altura, foram doadas ao museu 239 pinturas a óleo, aguarelas, caligrafias e pinturas chinesas, bem como 24 álbuns de desenhos.

"Esperamos que, através da exposição, o público possa compreender o percurso artístico de Lok Cheong e ver a sua paixão pela arte, incluindo a história por detrás das suas obras", diz à Revista Macau um dos seus filhos, o também artista e designer gráfico Lok Hei. "O meu pai foi alguém que fez bem o seu trabalho e criou um caminho", acrescenta.

A vida artística de Lok Cheong influenciou Lok Hei, que tem vindo a trilhar um percurso artístico próprio em Macau. "Quando acabávamos os trabalhos de casa, íamos naturalmente à sua estante e tirávamos os livros de pintura e desenhávamos como gostávamos", recorda. "Entre os cinco filhos, tenho a sorte de continuar ligado às artes, mesmo quando estou a trabalhar, fazendo desenhos e gráficos promocionais", diz.

Tal como o pai, Lok Hei tem vindo a desenvolver uma forte presença ao nível do associativismo artístico local. Isso, afirma, leva-o a perceber melhor aquela que era a rotina do progenitor. "Ele estava sempre ocupado", recorda. "Só quando eu andava no ensino secundário, e mesmo mais tarde, é que fiquei a conhecê-lo melhor, a perceber o seu trabalho e a sua contribuição" para a sociedade, diz.

Olhando agora para as obras expostas no Museu de Arte, Lok Hei salienta a complexidade por detrás de Lok Cheong: para lá do homem que conheceu como pai, há para descobrir um profícuo artista, um promotor das artes e alguém com elevado sentido cívico. "Mostrou-nos como nos mantermos firmes na sociedade, como sermos alguém que contribui para o bem comum, através de uma postura responsável nos nossos diferentes papéis", conclui Lok Hei.



> Visitando a exposição e percorrendo o itinerário estabelecido, o público pode retraçar a vida de Lok Cheong e conhecer o seu percurso artístico
>
> **NG FONG CHAO**
> **CURADOR**

SELECÇÃO DE FUTEBOL

Nova mentalidade,



máximo empenho



A selecção de futebol de Macau esteve parada durante cerca de três anos e foi uma das últimas a regressar aos jogos internacionais após a pandemia. Mas depois da reabertura das fronteiras e no espaço de um ano, a equipa técnica liderada por Lázaro Oliveira realizou seis desafios, com um balanço que o treinador considera "bastante positivo"

Texto | **Vítor Rebelo**

Há várias décadas que Macau não realizava tantos jogos internacionais em tão curto espaço de tempo. Durante o decorrer de 2023, a selecção de futebol disputou seis partidas, algumas de preparação, aproveitando os períodos determinados pela FIFA para jogos das selecções, e duas de compromisso oficial, a contar para provas como o Campeonato do Mundo de Futebol, neste caso diante do Myanmar.

A pandemia da COVID-19 fez retroceder grande parte do trabalho que a Associação de Futebol de Macau havia delineado a partir do momento em que contratou um treinador além-fronteiras, o luso-angolano Lázaro Oliveira, que veio para o território acompanhado pelo adjunto Pedro Simões.

Depois de começarem a trabalhar à distância, dado que as restrições ligadas à pandemia não permitiram que a dupla de treinadores viajasse para Macau, o início de 2023 foi o momento tão esperado para voltar a pisar os relvados e "calçar as chuteiras". E o recomeço não poderia ter sido melhor: depois da estagnação entre 2020 e 2022, a selecção fez em 2023 o maior número de jogos que alguma vez tinha feito num só ano, numa tentativa de recuperar algum do tempo perdido.

Ao fim de um ano de trabalho de campo e com seis desafios efectuados em 2023, Lázaro Oliveira diz à Revista Macau que o "balanço é



Lázaro Oliveira estreou-se em 2023 em jogos oficiais como seleccionador de Macau

positivo", já que "foi implementada uma nova metodologia de treino e uma ideia de jogo mais atractiva, assente num forte espírito colectivo e na prática de um futebol apoiado e de posse, que privilegia as características dos jogadores e na qual eles se sentem bastante confortáveis".

Lázaro Oliveira recorda os dois desafios oficiais, na qualificação para o Campeonato do Mundo, realizados contra o Myanmar: "A grande diferença esteve, sobretudo, na condição física dos jogadores". A equipa do Myanmar, "para além da sua qualidade técnico-táctica, estava num nível físico bem acima de Macau, porque, aquando da realização dos jogos, os seus jogadores encontravam-se a competir na liga doméstica, em contraste com os nossos que não competiam há longos meses devido ao fim da liga".

Para este ano, ainda não está definido o calendário de jogos particulares para a selecção. "Iremos analisar as datas da FIFA e a disponibilidade dos jogadores", explica o treinador. Em termos de desafios oficiais, a equipa de Macau terá em Setembro a pré-eliminatória de apuramento para a Taça da Ásia.

Nos próximos meses, salienta Lázaro Oliveira, o objetivo é incidir "o foco na observação e treino de jovens da selecção de sub-20 que tenham características físicas, técnicas e tácticas e sobretudo vontade e disponibilidade, de modo a serem potenciados para integrar a selecção principal".

Visão profissional

E serão os jovens o caminho para o futuro da selecção? "Sim", responde o treinador, lembrando, no entanto, que "o futebol em Macau tem características muito próprias, e com realidades bastante distintas".

Mas para que o futebol de Macau se aproxime da realidade de outras regiões, a modalidade deverá ser encarada "de uma forma mais séria e profissional", salienta o seleccionador. "O futuro da selecção de Macau passa claramente pela aposta em jovens jogadores, mas de forma sustentada, para que possam continuar a evoluir e não criar demasiada

> O futuro da selecção de Macau passa claramente pela aposta em jovens jogadores, mas de forma sustentada
>
> **LÁZARO OLIVEIRA**
> TREINADOR DA SELECÇÃO DE FUTEBOL DE MACAU

exigência e expectativas que possam ser contrárias ao seu desenvolvimento e afirmação", sublinha.

Lázaro Oliveira conta que "já há vários jovens que regularmente treinam com a equipa principal e que vão adquirindo as ideias, a mentalidade, as rotinas e dinâmicas de jogo e o ritmo e intensidade necessários para que possam integrar o grupo de seleccionados". Contudo, ressalva, "o problema dos jovens jogadores prende-se com a gestão da vida escolar, particular e desportiva". "Muitos precisam de mudar a mentalidade, perceber a importância da necessidade dos treinos regulares, do compromisso, do espírito colectivo e da paixão pelo futebol", explica.

O seleccionador reconhece que "há ainda um longo caminho a percorrer para elevar o ranking" internacional de Macau, de forma a "aproximar-se dos países que estão ligeiramente à sua frente".

"Macau não dispõe dos mesmos recursos humanos e operacionais" comparativamente a outras regiões, realça o treinador, nomeadamente no que diz respeito ao número de jogadores seleccionáveis e de instalações. "O futebol em Macau necessita de uma reestruturação ao nível competitivo para que no futuro possa rivalizar com outras selecções asiáticas do seu patamar", adianta.

Maior competitividade

No que toca ao papel das academias de futebol no território, "que fazem um trabalho de qualidade com os jovens", Lázaro Oliveira diz que estas iniciativas são "boas para aperfeiçoar as qualidades técnicas e entendimento do jogo que lhes permitirão no futuro ser mais-valias para as várias selecções nacionais".

Outro aspecto de grande relevância para o desenvolvimento das selecções é o nível competitivo de uma liga, "devido à realidade quase amadora das competições" locais, avança o treinador.

Nos aspectos mais positivos, o responsável destaca as "condições a nível de material de treino e a disponibilidade e aceitação dos atletas perante uma nova metodologia de treino e de jogo". No sentido oposto, realça as "dificuldades" sentidas na selecção, nomeadamente, em termos de "agilização das sessões de treino por causa dos horários de trabalho e treinos dos clubes onde actuam os jogadores, bem como o número reduzido de campos para a prática da modalidade".

Embora o jogador de Macau "seja habilidoso com bola, revela algumas carências técnico-tácticas, com um ritmo de jogo lento e com pouca intensidade", refere o seleccionador. Por isso, defende, a liga de futebol do território "necessita de uma reestruturação para que possa ser mais competitiva".

"O campeonato deveria ter mais jogos, numa primeira fase, com duas voltas, e, numa segunda fase, os clubes, consoante as posições na tabela classificativa, seriam divididos em duas séries. Os primeiros seis posicionados iriam disputar a fase de campeão com jogos a duas voltas e os últimos quatro disputariam a fase de despromoção com jogos a duas voltas", sugere Lázaro Oliveira.

Esta eventual reestruturação iria permitir a realização de mais jogos, assim como também permitiria uma maior competitividade, "porque haveria jogos mais disputados e equilibrados entre as melhores equipas".

Deste modo, argumenta, a liga de Macau "teria igualmente uma maior duração e, como é evidente, quanto mais competitivas forem as competições em Macau, mais benefícios trará à selecção nacional, porque os jogadores terão uma maior rodagem e intensidade de jogo".

MÉTODOS ALTERNATIVOS COM BALANÇO POSITIVO



Nicholas Torrão, capitão da selecção, veste as cores de Macau desde 2011

COM a vinda de uma nova equipa técnica, foram introduzidos novos métodos de treino e uma nova mentalidade na selecção de futebol de Macau.

Alguns jogadores que têm estado ao serviço da selecção são unânimes em considerar que "é um orgulho" vestir a camisola verde representativa de Macau. Opinião unânime também sobre o facto de a vinda de um treinador experiente ser um garante de maior qualidade para a equipa.

Filipe Duarte, de 38 anos, joga a central e decidiu abandonar a selecção depois da partida, em casa, diante do Myanmar a contar para qualificação para o Campeonato do Mundo de Futebol.

Fazendo o ponto da situação, Filipe Duarte diz que a selecção "foi evoluindo até à altura do aparecimento da COVID-19 e aí vários jogadores estavam no auge, com cerca de 30 anos de idade". "Foi pena não ter havido qualquer jogo internacional."

Além disso, prossegue, "a qualidade da nossa liga também não ajuda a selecção, uma vez que falta competitividade nas provas internas". O positivo em 2023, que o jogador classifica de "excelente", foi a série de jogos internacionais que Macau fez.

Sobre a aposta em técnicos do exterior, o defesa é peremptório: "Eles vêm com uma mentalidade completamente diferente. É essencial que tenhamos estes treinadores de fora, acompanhados por uma base de técnicos locais para que estes possam aprender".

Enquanto uns terminam a sua passagem pela selecção, outros estão no início, como acontece com Vítor Almeida, que só em 2023 começou a jogar na equipa. O também central, de 32 anos, que se estreou no particular com o Myanmar, considera que a mensagem que os técnicos estrangeiros trazem está a ser benéfica para a equipa.

"Nunca tivemos tantos jogos internacionais em tão pouco tempo. É um sinal de que querem dar competição aos jogadores locais", observa Vítor Almeida.

Experiência e ambição

O avançado Nicholas Torrão, 32 anos, está na selecção desde 2011 e corrobora a opinião de que a "selecção está directamente relacionada com a liga, pouco competitiva, que existe em Macau".





Nuno Pereira diz que a equipa tem evoluído de forma positiva

Nos últimos anos, durante o período da pandemia, Macau perdeu alguns jogadores de uma geração "que podia ter ajudado mais". Uma geração que tinha 28 anos e agora tem 32 ou 33, "o que é completamente diferente", frisa Nicholas Torrão.

Com a vinda dos novos treinadores, a selecção disputou "vários desafios internacionais". "Desde 2011 até agora, fiz cerca de 20 jogos e seis deles em 2023. Nota-se o interesse e o profissionalismo que estes treinadores têm. Trazem, sem dúvida, uma outra visão", conclui.

Nuno Pereira foi o único futebolista, dos que actuam no exterior de Macau, a ser chamado aos trabalhos da selecção para os dois jogos diante do Myanmar. Nascido no território há 26 anos, o jogador veste a camisola do Imortal Desportivo Clube, no Algarve, e no regresso à equipa considera que Lázaro Oliveira está a fazer um trabalho notável.

"Notei uma diferença, quando regressei a Macau, na maneira como jogávamos, mais pressionante, com maior agressividade e queríamos ter mais posse de bola, o que não acontecia anteriormente, porque a principal preocupação era defender", salienta.

"Penso que a associação já deu um grande passo ao contratar para seleccionador um treinador em Portugal com muita experiência e ambição, visto que, no pouco tempo de trabalho, já se notam algumas das suas ideias na forma de jogar da equipa. Há uma melhor organização colectiva a defender, com maior pressão na perda de bola e a atacar com mais posse de bola", explica Nuno Pereira. O empate com o Myanmar, em casa, "já representa sem dúvida um bom resultado, perante equipas asiáticas mais poderosas", acrescenta o médio.

Sobre o que é possível fazer para melhorar, Nuno Pereira diz que a condição física será fundamental. "As equipas de Macau continuam a ter dificuldade para treinar, por falta de campos, a que se junta a pouca disponibilidade dos jogadores, por causa dos seus trabalhos ou estudos."

Um outro aspecto "também muito importante", assevera, "é a parte mental, embora já se note algumas diferenças desde a entrada do novo seleccionador, que quer mudar a forma de pensar e a ambição dos atletas".

MODALIDADE

Macau Bats garantem

Foi há 28 anos que o râguebi foi introduzido em Macau, inicialmente como desporto praticado maioritariamente por portugueses. Actualmente, a modalidade abraça toda a comunidade, com destaque para os jovens que integram uma academia de formação denominada Macau Bats. Os pequenos "morcegos" são agora cerca de uma centena, dispersos por diversos escalões.
O desporto tem crescido a olhos vistos também graças à introdução da variante "touch", que ocupou as famílias durante a pandemia e continua a ganhar adeptos



Texto | **Vítor Rebelo**
Fotografia | **Leong Sio Po**

UM relvado junto ao recinto de hóquei em campo, na Taipa, logo pela manhã de um sábado solarengo, e uma temperatura quase de Verão. Cerca de uma centena de jovens, a partir dos cinco anos de idade, dão largas à sua alegria na prática do râguebi. É assim que começa mais um treino do Macau Bats, academia criada pelos dirigentes do Clube de Râguebi de Macau, que a cada ano que passa conta com mais atletas nos mais variados escalões de formação.

"Somos todos voluntários e com enorme paixão por este desporto", diz à Revista Macau Donald Shaw, presidente do Clube de Râguebi, uma associação que

futuro do râguebi



Os treinos do Macau Bats contam com jovens entre os cinco e os 18 anos

é reconhecida pela Federação Internacional de Râguebi. O responsável é também um dos monitores das sessões de treinos do Macau Bats, também conhecido como Clube de Râguebi Morcegos de Macau, designação que, na cultura chinesa, remete para um símbolo auspicioso.

A adesão ao râguebi conheceu um "boom" na última década e só o impacto da pandemia afectou o número de jovens praticantes. Com o relaxamento das restrições ligadas à pandemia da COVID-19 no início de 2023, o Macau Bats – uma organização independente, mas intrinsecamente ligada ao Clube de Râguebi – registou uma recuperação no número de atletas.

"Ainda estamos, de facto, numa fase de recuperação e o número de jogadores entre os 12 e os 15 anos encontra-se abaixo do que gostaríamos, mas felizmente que os sinais apontam para uma melhoria com o passar

> "O 'touch rugby' foi um grande impulsionador, sendo uma forma relativamente simples do jogo, e permite que jogadores de todas as idades e diferentes níveis de experiência participem
>
> **DONALD SHAW**
> PRESIDENTE DO CLUBE
> DE RÂGUEBI DE MACAU



Donald Shaw, presidente do Clube de Râguebi, é também um dos monitores das sessões de treinos do Macau Bats

do tempo", sublinha Donald Shaw, afirmando que "esta é a grande prioridade no processo de crescimento".

Os jogos realizados em Hong Kong em 2023 constituíram excelentes indicadores e o objectivo é que continuem a ter uma periodicidade regular, com jogos todos os meses, "o que proporciona uma grande experiência, não só para os atletas, mas também para as suas famílias", afirma Donald Shaw, ele que foi um dos principais responsáveis pela criação, em 2006, do Macau Bats e também o seu primeiro presidente.

Virado para a comunidade

O responsável salienta ainda o sucesso do programa "Get Into Rugby", para promover o desporto junto das escolas e instituições de ensino superior locais e atrair um maior número de jovens atletas.

"Está a desenrolar-se a bom ritmo, embora leve algum tempo para que o impacto tenha reflexo no aumento do número de jogadores do clube", salienta Donald Shaw, acrescentando que um dos aspectos fundamentais para uma definitiva implantação da modalidade, ao nível destes escalões, é a adesão de jovens locais. "Neste momento, já temos uma maioria de atletas chineses nos treinos, o que reflecte a aposta que temos vindo a fazer."

Com o passar do tempo, a colectividade foi-se adaptando à realidade local e à dificuldade em encontrar espaços próprios para a prática da modalidade. Houve momentos de desânimo e incertezas quanto ao futuro, mas a insistência, a resiliência e a paixão pelo râguebi de uma mão cheia de residentes conseguiram que, nos dias de hoje, o desporto esteja consolidado "e cada vez mais virado para a comunidade".

Donald Shaw, a viver no território há 25 anos, foi o primeiro presidente do Macau Bats, passando, em 2020, a assumir a liderança do Clube de Râguebi. Desde então, foi um dos mentores de uma outra aposta que deu frutos: o desenvolvimento da variante "touch" (râguebi de toque, numa tradução literal para português). Trata-se de uma variante sem placagens, que proporcionou, especialmente na altura da pandemia, "a vinda para o râguebi de famílias inteiras", salienta o presidente do Clube de Râguebi.

Desde então, o clube realizou torneios mensais e introduziu competições internas de "touch" para dinamizar a modalidade. "Organizámos a nossa primeira

A génese de um clube

A HISTÓRIA da fundação do Clube de Râguebi de Macau passou pela vontade de alguns amantes da modalidade que residiam e trabalhavam no território e que decidiram "colocar mãos à obra" para promover o desporto no território.

"Depois de Portugal ter sido convidado pela primeira vez para jogar no Torneio Internacional Hong Kong Sevens, em 1994, um grupo de amigos quis apoiar a selecção lusa e a partir daí nasceu a ideia" de criar um clube, conta Luís Herédia.

Luís Herédia foi um dos fundadores, juntamente com Pedro Leal, Manuel Eiró, José Maria Albergaria e José Luís Paulo. "Iniciaram-se contactos e apareceram jovens que tinham jogado ou que se mostraram interessados em praticar, com destaque para José Reis, Anacleto Cabaça, Walter McDonald, Miguel Madaleno, que ainda se encontram em Macau", conta.

O primeiro jogo do então recém-criado clube realizou-se no dia 10 de Fevereiro de 1996 contra a experiente equipa de veteranos do Hong Kong Football Club, que terminou com um empate a 10 pontos.

Um percurso construído com sucesso

COM quase três décadas de presença no território, o actual panorama do râguebi em Macau é considerado estável e com potencial para crescer. Longe de imaginar um desenvolvimento tão grande, em especial junto das camadas jovens, com forte adesão de atletas locais chineses, são vários os antigos dirigentes e até fundadores do clube que enaltecem o caminho até agora percorrido.

Luís Herédia, que foi o segundo presidente do Clube de Râguebi, diz-se "extremamente orgulhoso" pela forma como "os dirigentes e todos aqueles que apoiaram o desenvolvimento do râguebi souberam ultrapassar todas as dificuldades iniciais" e "lançar bases para o futuro da modalidade".

Promover o desporto junto da comunidade e "proporcionar a adesão de muitos jovens locais através do Macau Bats" tem sido, para Luís Herédia, "a grande vitória ao longo de todos estes 28 anos".

"A disciplina, o respeito pelo adversário e pelos árbitros, que é uma das características marcantes deste desporto, foram sempre incutidos nos praticantes e isso pode ver-se nos dias de hoje", acrescenta. "Parafraseando o nosso primeiro presidente, Pedro Leal, que sempre utiliza essa expressão, o râguebi é também uma escola de vida, daí ser nossa intenção fazer perdurar esta mentalidade e incuti-la nos praticantes."

Luís Herédia, que foi também praticante da modalidade, destaca igualmente a importância da variante "touch" para alargar o desporto ao sector feminino. "Ainda não há um número suficiente para formarmos uma selecção de mulheres, mas algumas delas estão já a actuar em equipas de Hong Kong", sublinha.

Ricardo Pina, antecessor de Donald Shaw na presidência do Clube de Râguebi, explica que a união que sempre existiu entre os amantes do râguebi foi a base do sucesso. "Isso foi sempre o nosso lema, mas não poderia ser mais verdadeiro do que durante a pandemia e agora no período pós-pandémico", disse o antigo capitão da equipa sénior, que não deixa de elogiar a actual direcção, "pelo excelente trabalho de organização e compromisso em levar o râguebi a mais escolas e pessoas do que nunca na história do clube".

Mesmo fora do território, Ricardo Pina continua a acompanhar o dia-a-dia do Clube de Râguebi. "É óptimo ver o retorno do râguebi juvenil às competições em Hong Kong ou o retorno da equipa sénior com uma estrutura para apoiar a participação em competições futuras", sustenta o antigo dirigente, concluindo que "a missão que guiou a criação do clube há 28 anos continua forte e todos nós torcemos pelo futuro brilhante que tem pela frente".



A academia conta actualmente com cerca de 100 praticantes de várias nacionalidades

> Uma vez por semana levamos o râguebi aos estabelecimentos de ensino, sendo esta uma forma de divulgar a modalidade
>
> **MIGUEL GASSMANN DE OLIVEIRA**
> PRESIDENTE DO MACAU BATS

partida contra o Shenzhen Pirates em Fevereiro do ano passado e isso foi rapidamente seguido por uma série de actividades com as equipas infantis, participando novamente nos festivais de râguebi em Hong Kong", conta Donald Shaw. Um novo torneio "touch", designado "Greater Bay Area", foi igualmente realizado com a participação de clubes do Interior da China, Hong Kong e Macau.

"É evidente que o isolamento do território, devido à COVID-19, teve um impacto misto no râguebi do território. No primeiro ou segundo ano houve, de facto, um aumento na participação, especialmente ao nível do número de adultos. Tivemos muitos jogadores novos, porque as pessoas tinham mais tempo livre e estavam interessadas em experimentar novos desportos e conhecer mais gente", recorda o líder do Clube de Râguebi.

O presidente confirma também que o desporto passou a contar com mais atletas do sexo feminino. “O ‘touch rugby’ foi um grande impulsionador, sem dúvida, sendo uma forma relativamente simples do jogo, e permite que jogadores de todas as idades e diferentes níveis de experiência participem”, adianta Donald Shaw. “Isso foi já uma realidade no período da pandemia, com jogos entre formações representativas dos países lusófonos, ou empresas, tornando as provas muito populares.”

A variante “touch”, lançada na Austrália na década de 1960, há muito que é utilizada na preparação das equipas e na prevenção de lesões, tendo a modalidade passado a ser também considerada como um desporto de pleno direito, com regras próprias – muito semelhantes ao râguebi tradicional – e já com campeonatos internacionais, podendo ser praticado por equipas mistas.

É isso que acontece em Macau, onde existem actualmente cerca de três dezenas de praticantes de



Os jovens do Macau Bats voltaram a competir em Hong Kong no ano passado

© DIREITOS RESERVADOS

ambos os sexos que todos os sábados de manhã, no relvado da Escola Internacional de Macau, praticam esta modalidade.

Torneio este ano

Miguel Gassmann de Oliveira, actual presidente do Macau Bats, considera que o desporto tem bases sólidas para o futuro, com a academia a recuperar uma parte do número de membros que existia antes da pandemia. "Sofremos uma certa redução na altura da pandemia, mas com o regresso à normalidade contamos, nesta altura, com pouco mais de 100 jovens de várias idades", diz, adiantando que um dos aspectos mais importantes é o facto de actualmente "já serem mais chineses do que portugueses ou outros expatriados a praticar râguebi na academia".

Miguel de Oliveira fala num "ambiente muito saudável" nas actividades do râguebi no território e dá igualmente importância às deslocações de alguns dos seus monitores ou atletas mais velhos a algumas escolas do território. "Uma vez por semana levamos o râguebi aos estabelecimentos de ensino, sendo esta uma forma de divulgar a modalidade."

O crescente interesse pela variante "touch" é também uma realidade e levou muitos interessados ao râguebi. "Famílias inteiras têm estado nas nossas sessões e essa foi uma forma de não estarem paradas e fazerem exercício físico na altura da pandemia", explica Miguel de Oliveira.

Uma posição corroborada por Anacleto Cabaça, um dos treinadores dos escalões mais jovens. "O râguebi do território está a recuperar em termos de atletas e já temos a possibilidade de fazer alguns torneios em Hong Kong, o que é muito bom para os mais jovens", afirma o monitor das formações entre os 10 e os 13 anos.

O Macau Bats tem jovens entre os cinco e os 18 anos, mas os escalões dos atletas mais velhos, acima dos 14 anos, "não têm atletas suficientes para participar em competições em Hong Kong", sublinha Anacleto Cabaça, para quem "é muito bom voltar às competições em Hong Kong".

Está previsto, para Março, um novo torneio regional com a participação de atletas de Macau e alguns jovens locais, entre os 11 e os 12 anos, deverão desfilar durante o Torneio de Râguebi Sevens de Hong Kong, agendado para o início de Abril. Esta última iniciativa "motiva muito os jovens, dado o ambiente que se vive habitualmente naquele evento internacional", refere o treinador.

As excelentes relações do râguebi de Macau com os clubes de Hong Kong têm também sido aproveitadas para participações em torneios, quer a nível local, quer em Hong Kong. "Em Dezembro último conseguimos duas vitórias e a subida ao primeiro escalão dos sub-11, o que é sinal de evolução, reconhecida por Hong Kong", destaca Anacleto Cabaça.

Miguel de Oliveira realça ainda que, para além de actividades internas, a associação está a planear um torneio para jovens em Macau, em Abril, com um total de sete clubes, seis de Hong Kong e um de Macau, com jogos destinados a jogadores entre os seis e os 12 anos.

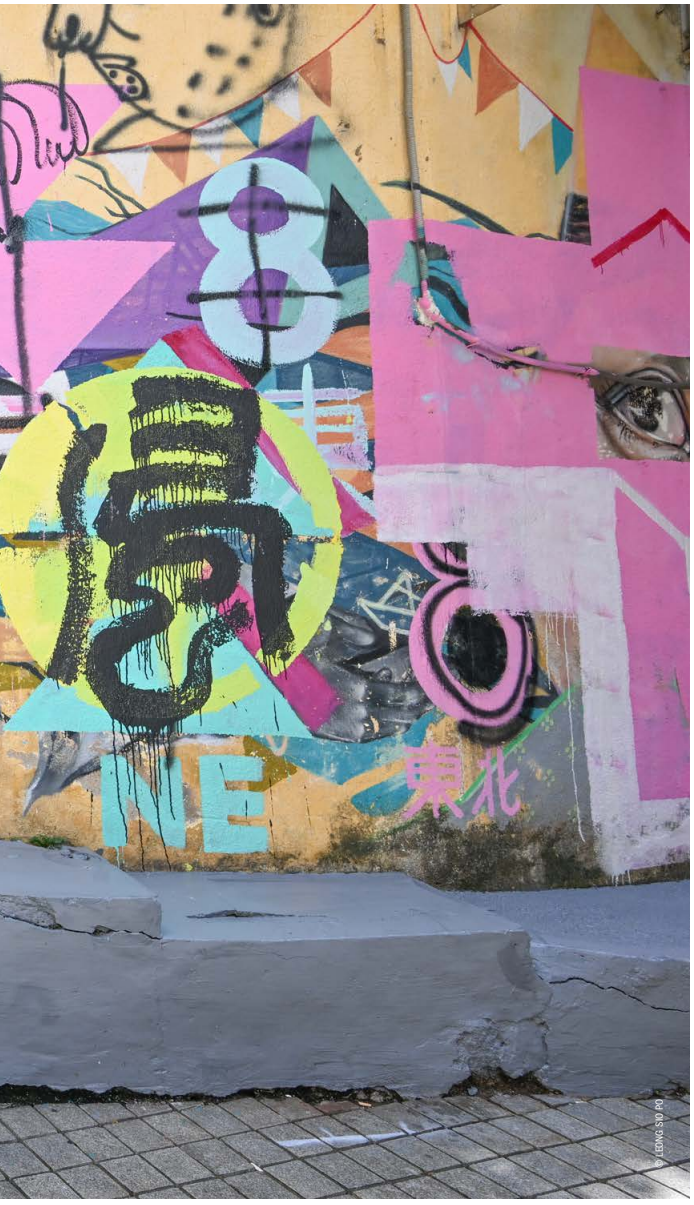
> "O râguebi do território está a recuperar em termos de atletas e já temos a possibilidade de fazer alguns torneios em Hong Kong, o que é muito bom para os mais jovens
>
> **ANACLETO CABAÇA**
> TREINADOR DOS ESCALÕES MAIS JOVENS DO MACAU BATS

a minha cidade

NUM LAR INESPERADO,



UMA VIDA IMPROVÁVEL



LEONG SIU PUI

O fio do destino, como um esboço numa tela, não é propriamente fruto do acaso, mas quando o de **Konstantin Bessmertny** se cruzou pela primeira vez com Macau, o artista russo estava longe de imaginar que as semanas se transformariam em meses e que os meses se tornariam anos e que seria no território que encontraria um bálsamo para a inquietude e um lugar a que pode chamar de seu

Texto | **Marco Carvalho**

JÁ então visto como um dos nomes mais promissores do panorama artístico pós-soviético, Konstantin Bessmertny é um dos protagonistas de uma exposição colectiva que o Leal Senado dedica, em 1992, a jovens artistas russos. Nascido em Blagoveschensk, junto à fronteira com a China, o pintor vive há 32 anos em Macau. De fonte insondável de inspiração, a cidade transformou-se numa reticente e inusitada certeza, o fragmento de horizonte a que Konstantin aprendeu a chamar de lar.

"Tentei deixar Macau no final do primeiro ano. E durante os 15 anos que se seguiram dizia à minha mulher 'Mais um ano e vamos embora'", recorda o artista plástico russo. "A partir de determinada altura, sempre que viajávamos para algum lado, dei por mim a ansiar o momento de regressar a Macau e a questionar-me: 'Embora para onde, se é aqui que estou em casa?'".

a minha cidade

01 Cidade de luz e sombras



QUANDO Konstantin Bessmertny se instalou em Macau, o território adentrava-se por um inédito e incomparável "fin-de-siècle". Os anos eram, para muitos, de dúvida e de incerteza, mas na exiguidade das ruelas o jovem artista plástico encontrou como que um microcosmos onde as paixões humanas, com tudo o que têm de virtuoso e de vicioso, se magnificavam.

É essa cidade – polissémica e plural, de contrastes palpáveis –, onde as igrejas ombreiam com os empreendimentos de turismo e lazer, que continua a inspirar Konstantin Bessmertny e a motivar uma resposta estética que tem na paródia um dos paradigmas prevalecentes.

"É uma cidade de luz e de sombras. Sem as sombras, não se valoriza a luz. Macau é uma réplica em miniatura do resto do mundo e é o tipo de local propício para observar as paixões humanas. Numa das primeiras entrevistas que concedi, ainda no período da administração portuguesa, lembro-me de defender que Macau era como um laboratório, o local ideal para se estudar o comportamento humano", argumenta. "Macau tem sido, ao longo de todos estes anos, uma cidade verdadeiramente inspiradora. Há locais que nos arremessam para o passado, outros que transpiram demasiado futuro. É uma cidade com duas faces opostas, em constante mudança. Não conheço nenhum outro local no mundo que se possa comparar a Macau", complementa o artista.

Aparentemente incessante, a metamorfose que ao longo das duas últimas décadas tem sido uma das características mais perseverantes de Macau, ofereceu a Konstantin Bessmertny um filão aparentemente inesgotável de

© LEONG SIO PO



Pátio da Eterna Felicidade

novos motivos, com o brilho superficial e o glamour plástico do Cotai a iluminar o caminho. No caso dos grandes empreendimentos turísticos, em que o recurso ao pastiche é exacerbado, a caricatura, argumenta o artista, faz-se a si própria. "Há quem visite Macau e saia sem perceber aquilo que é verdadeiramente a sua alma", aponta.

02 Onde a felicidade é eterna

ENTRE a Macau que arremete para o passado e a que se projecta no futuro, Konstantin Bessmertny elege, sem pruridos, a cidade onde a tessitura do tempo se faz palpável e onde a vida se respira com a densidade da história. A Macau dos becos, dos pátios, das antigas lojas tradicionais, dos pórticos e dos vendilhões, argumenta, possui a mais significativa das qualidades: a da intangibilidade da memória.

O artista plástico exemplifica com o Pátio da Eterna Felicidade e a zona envolvente, onde o fotógrafo – e amigo de longa data – Chan Hin Io instalou a sua galeria.

"Este canto, que ninguém toque nele, seja qual for a razão. Este edifício, este bairro têm de ser preservados. É absolutamente deslumbrante. Este pórtico, que se abre para o Pátio da Eterna Felicidade propriamente dito, é antigo e, mesmo que não seja imponente, é um modesto testemunho de uma cidade incomparavelmente mais genuína", sustenta. "Mesmo esta escadaria, apesar de não ser propriamente antiga, é suficientemente bela para merecer ser preservada", defende.

Para Konstantin Bessmertny, a arte e a cultura podem não bastar para redimir o mundo, mas podem ajudar a salvaguardar aquilo que Macau ainda conserva de mais legítimo: "A arte é a resposta. É necessário fazer-se um esforço para atrair uma nova geração de visitantes, com um gosto mais refinado. O resto compete aos artistas locais. Estou convicto que pequenas galerias, exposições temporárias e outros espaços informais iriam insuflar um novo fôlego em lugares como este", alega.

03 Bolsas de resiliência

"LUGARES como este" – que urge salvaguardar a todo o custo – ainda sobrevivem em número razoavelmente elevado um pouco por toda a cidade, afirma o artista. Nos míticos "tin-tins", a presença alvoroçada dos vendilhões de sapecas e de ferro-velho é já pouco mais do que uma memória, mas a zona conserva ainda uma aura particular de autenticidade, em que a evocação de tempos ainda não muito distantes se conjuga com o tipo de práticas quotidianas que fazem pulsar o coração das cidades.

A tangibilidade da memória, aliada ao que Konstantin Bessmertny define como "a pátina do tempo", deviam, por si só, ser um garante de transcendência temporal.

"Nem tudo está destruído ainda. E como nem tudo está destruído, o que eu gostava mesmo de ver era uma comissão a assumir a responsabilidade de passar a cidade a pente fino com o propósito de identificar locais que têm a pátina do tempo, locais com uma pátina cultural inquestionável, com o propósito de os preservar", defende.

"Estes locais, correspondam eles a edifícios pequenos ou de maior estrutura, estejam eles bem preservados ou em ruínas, deviam ser selados e salvaguardados e, em última instância, protegidos da tentação de os requalificar", assevera.

04 O lugar da inspiração

SE MACAU é história, memória e imanência, Coloane é o refúgio que Konstantin Bessmertny elegeu para tonificar o espírito, os olhos postos na calma e estupenda bonomia do Mar do Sul da China. O artista, de 59 anos, admite que, para se manter criativo, necessita de escapar ao intenso rumorejar dos dias que se tornou uma das imagens de marca das sociedades modernas. Coloane e a vista privilegiada que possui sobre a pequena, mas idílica baía de Cheoc Van, tornaram-se para o artista sinónimo de tranquilidade e de inspiração.

"Escapar é, para mim, uma necessidade. Tal como acontece com os filósofos e com os pensadores, necessito de me afastar, sempre que possível, do resto da multidão. As multidões e todos os constrangimentos que lhes estão associados absorvem-nos a energia e aniquilam a criatividade", sustenta.

"Um artista não pode estar constantemente agarrado ao telemóvel. Tem de abrandar, tem de cultivar momentos de pausa, até porque é algo que exige tempo, o processo artístico é demorado e Coloane é isso que me oferece, as pausas de que necessito para criar", salienta.



© CHEONG KAM KA

Cheoc Van, Coloane



© DIREITOS RESERVADOS

MEMÓRIAS DE UM PIONEIRO NO DELTA DOS PALADARES

Precursor da moderna indústria da restauração em Macau, Yves Duron chegou ao território em 1989 para reforçar a cozinha do então Mandarin Oriental. Como chef executivo da unidade hoteleira, viveu alguns dos mais significativos momentos da carreira. Em 1999, foi ele o escolhido para robustecer e adoçar o regresso de Macau à administração chinesa. Há quatro anos trocou as cozinhas pela academia e assumiu uma nova missão, não menos desafiante

gastronomias

Texto | **Marco Carvalho**

ABDICOU da colher de pau e do avental e substituiu-os por cadernos e manuais, trocando a cozinha de um dos mais antigos e conceituados hotéis de cinco estrelas pelas salas de aula da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla em inglês), sem trair aquela que sempre foi a sua grande paixão: a arte de bem-cozinhar. Em Macau desde 1989, Yves Duron viu a cidade transformar-se num território com aspirações legítimas a pontificar nos grandes roteiros gastronómicos internacionais.

A metamorfose não se fez sem percalços e sem pruridos. Quando o chef francês, um dos precursores da moderna indústria da restauração em Macau, colocou pela primeira vez os pés no território, o número de hotéis que se compaginava com as normas internacionais abarcava-se pelos dedos de uma mão e para preparar uma refeição festiva ou uma ocasião especial era necessário, o mais das vezes, planificar com meses de antecedência.

"Naquela altura, tínhamos apenas três hotéis com padrões internacionais e uma das recordações mais fortes que tenho é das dificuldades de abastecimento. Recebíamos um carregamento por semana. É claro que vegetais e esse tipo de víveres conseguíamos adquirir no próprio dia, mas se quiséssemos carne da América ou produtos lácteos de França, o cenário era muito diferente", recorda Duron. "No caso da carne, recebíamos um carregamento uma vez por mês e, naquela época, era necessário pelo menos um mês para tratar das autorizações sanitárias. Basicamente, tínhamos de encomendar em Janeiro a carne que íamos confeccionar em Março. Por vezes, ficávamos com muito pouca coisa na despensa, mas arranjávamos sempre forma de nos desenrascar", sustenta o agora docente.

DA MECA DO SABOR PARA MACAU

Yves Duron cresceu numa cidade que respira gastronomia. Situada na confluência entre os rios Ródano e Saône, ponto de passagem obrigatório entre o Mediterrâneo e o norte da Europa, Lyon cedo se tornou uma meca para o paladar.

"Estudei durante três anos numa escola de hotelaria em Lyon, onde me formei. Depois disso, trabalhei na cidade, fiz alguns estágios e acabei por ir parar ao Sofitel Lyon, que na altura estava a tentar alcançar uma estrela Michelin, o que acabou por conseguir. Depois disso, tropecei num grande obstáculo: o serviço militar obrigatório. Como não queria desperdiçar o meu tempo no exército, antecipei-me e candidatei-me a um lugar na Marinha", conta.

A experiência encurtou o seu mundo e, nos idos de 1989, quando o convite para rumar para Macau chegou, o então jovem chef não hesitou. À sua espera, no Delta do Rio das Pérolas, uma cidade diminuta em tamanho, enorme em desafios e, ainda assim, estranhamente inebriante. Às dificuldades no acesso a ingredientes frescos, Macau respondia com uma diversidade invulgar, reminiscente do eclético ambiente onde cresceu.

Em termos profissionais, Macau proporcionou um intercâmbio perfeito. "O que digo hoje, nas salas de aula, aos meus alunos, é que estamos sempre a aprender. Como professor, o que faço é partilhar a minha experiência, mas acabo sempre por aprender com eles e o mesmo aconteceu com Macau. Aprendi muito quando vim para Macau. Foi para mim revelador descobrir a cozinha chinesa, os diferentes tipos de gastronomia chinesa. No caso da culinária portuguesa, conhecia muito pouco e Macau permitiu-me descobrir muito mais", acrescenta.

Então sous chef no à época Mandarin Oriental, o jovem cozinheiro não demorou a aperceber-se de que Macau se postulava como um território propício à confluência de sabores.

"Há muita gente que alega que foi em Macau que surgiu a primeira comida de fusão do mundo e é, obviamente, verdade. A comida em Macau evoluiu. Os portugueses chegaram cá, trouxeram especiarias e tudo o mais, mas quando cá chegaram encontraram algo totalmente diferente daquilo que conheciam.

Encontraram a comida chinesa e não tiveram outra solução senão adaptar-se. Trouxeram não apenas novos ingredientes, mas também novas técnicas. Diria que Macau sempre esteve no mapa no que toca à comida e continua a estar hoje em dia", salienta.

CONSTANTE EVOLUÇÃO

A gastronomia macaense foi, de resto, um trunfo fundamental no processo de inclusão do território na rede da UNESCO como uma Cidade Criativa da Gastronomia. A distinção reconhece a importância da tradição culinária clássica de Macau, mas, ao mesmo tempo, confere-lhe um novo e necessário fôlego.

A gastronomia macaense, defende Yves Duron, está condenada a reinventar-se. Preservar a sua alma é o grande desafio que enfrenta: "A culinária macaense tem uma natureza vincadamente caseira, muitas pessoas apontavam as receitas em cadernos e os ingredientes nem sempre coincidem a 100 por cento, mas isto é algo que acontece com frequência", considera o chef francês.

"As pessoas necessitam de estar abertas à ideia de que qualquer prato tem um fundamento clássico, mas esse prato pode mudar, por exemplo, em termos de aparência. Isso não é propriamente um problema, desde que o gosto não mude e que os ingredientes fundamentais continuem lá. Há uma nova geração que está a emergir e que, apesar de se manter fiel às bases, de recorrer às mesmas técnicas, continua a misturar ingredientes e vai contribuir para uma gastronomia macaense melhor e mais elaborada", complementa Yves Duron.

Depois de mais de 30 anos entre tachos e panelas, a transição para as salas de aula revelou-se um desafio quase tão grande como a maior empreitada de que o antigo chef foi incumbido, a de preparar o jantar de gala com que Macau se despediu de mais de 400 anos de administração portuguesa.

"A semana da transição foi um dos períodos mais intensos e mais desafiantes da minha carreira. Tivemos de criar uma aliança entre quatro hotéis para garantir o fornecimento de todos os eventos externos, fossem recepções para dignitários ou outros certames", recorda. "Depois, tivemos o último jantar, em que para além do Presidente de Portugal e do primeiro-ministro, participaram 2800 pessoas."

Actualmente, um dos locais onde os futuros protagonistas da gastronomia macaense estão a despontar é o Laboratório de Culinária da Faculdade de Hospitalidade e Gestão Turística da MUST, onde Yves Duron lecciona desde 2020.

"Leccionar foi algo novo para mim. Já tinha cozinhado à frente de pessoas num restaurante, mas vestir a pele de docente, à frente dos alunos, era algo que nunca tinha feito. Assumi este desafio durante a pandemia da COVID-19 e tive miúdos que quando chegaram à sala não sabiam sequer como colocar o avental", recorda o docente. "No último semestre, estes miúdos tiveram a última aula antes de seguirem para estágio e é muito gratificante ver a evolução que tiveram. É a melhor recompensa que se pode obter", conclui Yves Duron.

© DIREITOS RESERVADOS



A MUST tem contribuído para formar profissionais do sector da restauração

roteiro

+EXPOSIÇÃO

A mesma luz sob o firmamento

A Região Administrativa Especial de Macau só em Dezembro comemora um quarto de século, mas o Museu de Arte da Universidade de Macau antecipou-se e está já a celebrar a efeméride. Inaugurado em Maio do ano passado no edifício da Biblioteca Wu Yee Sun, o novo espaço museológico acolhe a exposição "With the Sunshine, Across the Sea" ("Com a Luz do Sol, Além-Mar", numa tradução livre).

Eclética, a mostra – que assinala também o 75.º aniversário da fundação da República Popular da China – apresenta mais de 130 obras de arte que prometem oferecer aos visitantes, nas palavras da Universidade de Macau, "um festim visual incomparável".



A exposição explora dois grandes temas. Por um lado, destaca paisagens da Normandia tal como foram vistas e pintadas por dez dos mais prestigiados representantes do impressionismo francês. Por outro, apresenta algumas das mais conhecidas panorâmicas de Macau criadas por pintores chineses e ocidentais.

"With the Sunshine, Across the Sea"

LOCAL Museu de Arte da Universidade de Macau, Biblioteca Wu Yee Sun

DATA Até 5 de Maio

HORÁRIO Aberto todos os dias, entre as 10 e as 19 horas

PREÇO Entrada gratuita

MAIS INFORMAÇÃO

+CONCERTO

O esplendor do barroco

Poucos compositores terão tido tanto impacto na história da música ocidental como Johann Sebastian Bach. Com uma obra com um pendor eminentemente religioso – ao ponto de lhe ser assacado com frequência o cognato de "O Quinto Evangelista" –, Bach criou novas formas musicais e desenvolveu outras, deixando um legado de grande riqueza e complexidade.

Em poucos trabalhos essa sofisticação e magnificência são tão evidentes como em o "Oratório de Páscoa", a primeira de um ciclo de três composições que o músico germânico dedicou às datas mais importantes da liturgia cristã. A obra – que integra habilmente orquestra, canto a solo e ensemble coral – reproduz musicalmente em onze movimentos os relatos dos Evangelhos sobre a ressurreição de Jesus Cristo. Em o "Oratório de Páscoa", a música de Bach transfigura-se e adquire a forma de um tratado de estética teológica, uma pauta em que o barroco se apresenta no mais sublime da sua essência e em que a glória divina se insinua no contraste entre uma certa inquietude melodiosa e a transcendência das vozes.

Os acordes do "Oratório de Páscoa" vão fazer-se ouvir ao início da noite de 28 de Março, na Igreja de São Domingos, pela mão da Orquestra de Macau. A sinfónica do território apresenta, em colaboração com o Coro dos Aprendizes de Hong Kong ("The Learners Chorus", na designação em língua inglesa), esta obra-prima monumental de Johann Sebastian Bach sob a regência de Appolo Wong.

"Presente de Páscoa: Oratório de Páscoa de Bach"

LOCAL Igreja de São Domingos

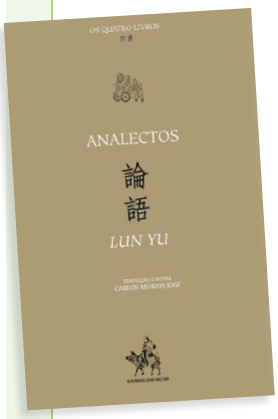
DATA 28 de Março, às 20 horas

PREÇO 150 patacas

MAIS INFORMAÇÃO

+LIVRO

Uma grande viagem começa com um livro



Sustentáculo moral da tradição chinesa, os "Analectos" têm para a China uma relevância estrutural semelhante àquela que os Evangelhos adquiriram no contexto do pensamento judaico-cristão.

A obra, que condensa as ideias fundamentais de Confúcio – pensador que, como muitos outros grandes homens do passado, nada escreveu –, apresenta uma visão do mundo norteada por um código ético e por uma linha de conduta que se prefiguraram, durante séculos, como fundamentais para a vida familiar e pública na China antiga.

As linhas gerais de pensamento reunidas em "Analectos", sob a forma de aforismos, pelos discípulos de Confúcio, continuam a moldar vários aspectos da sociedade chinesa contemporânea. A obra – que integrava com "Estudo Maior", "Prática do Meio" e "Mêncio" o conjunto de quatro livros de leitura obrigatória para os candidatos ao mandarinato – continua a insinuar-se como essencial para entender a China e a civilização chinesa em toda a sua amplitude e chega agora às livrarias, numa nova edição traduzida e anotada por Carlos Morais José. Lançado no final de Janeiro, em simultâneo com "Mêncio", o livro encontra-se à venda na Livraria Portuguesa e na sede do jornal Hoje Macau.

"Analectos"

AUTORIA Diversos. Tradução e notas de Carlos Morais José
CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Filosofia, cultura chinesa
IDIOMA Português
PREÇO 200 patacas
EDITOR Livros do Meio

+NA REDE

Um trampolim para o mundo dos selos

Não é fácil discernir o exacto momento em que a notícia da Implantação da República Portuguesa, a 5 de Outubro de 1910, ecoou em Macau. Sabe-se, isso sim, que a transição entre regimes foi oficializada seis dias depois, a 11 de Outubro, "ao meio-dia", num acto solene conduzido nas instalações do Leal Senado.

Em Macau, as mudanças foram pouco mais do que cosméticas, mas uma delas – aparentemente inócua – vale hoje milhões: a sobrecarga da palavra "República" no selo de 10 réis azul então em circulação deu origem àquela que é a mais rara e mais desejada estampa postal alguma vez emitida no território.

A página electrónica que a Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações dedica à filatelia e ao coleccionismo é uma referência para quem se quer inteirar um pouco melhor sobre a história das comunicações em Macau e sobre a diversidade e a riqueza das emissões filatélicas produzidas pelos CTT.



ORGANIZAÇÃO Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações
CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Filatelia, coleccionismo
IDIOMA Português, Chinês Tradicional, Chinês Simplificado, Inglês

WEBSITE



"THE REMAINS #2" (2020)
Óleo sobre tela, 45,5cm (comprimento) x 60,3cm (altura)

Karen Yung Lai Jing

NASCIDA em Hong Kong, Karen Yung Lai Jing está radicada em Macau, onde tem vindo a desenvolver o seu percurso artístico. Identificando-se como parte da geração pós anos 1980, a sua formação inclui um mestrado em pintura de estilo ocidental obtido em Taiwan.

A arte de Karen Yung encontra inspiração na animação, banda desenhada e noutros elementos da cultura popular, resultando em trabalhos narrativos e com uma estética própria. A artista recebeu em 2015 o Prémio Fundação Oriente/Artes Plásticas.

Além de ter participado em diversas exposições colectivas, a sua obra já foi alvo de mostras individuais em Lisboa, em 2016, e, antes disso, em 2013, em Taipei. O trabalho de Karen Yung pode ser apreciado até dia 17 de Março na Art Garden Gallery, onde está patente a sua mais recente exposição em nome próprio, sob o título "Human Laboratory".

中國-葡語國家經貿合作及人才信息網

PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

葡語國家產品資料庫
BASE DE DADOS DOS PRODUTOS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

中葡雙語人才資料庫
BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS QUALIFICADOS EM CHINÊS E PORTUGUÊS

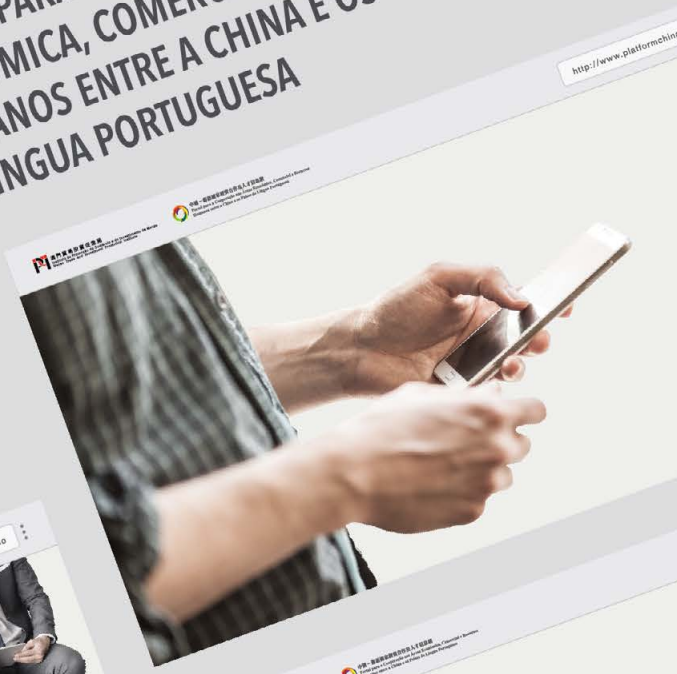
專業服務供應商
FORNECEDORES DE SERVIÇOS PROFISSIONAIS

會展資訊
INFORMAÇÃO SOBRE CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES

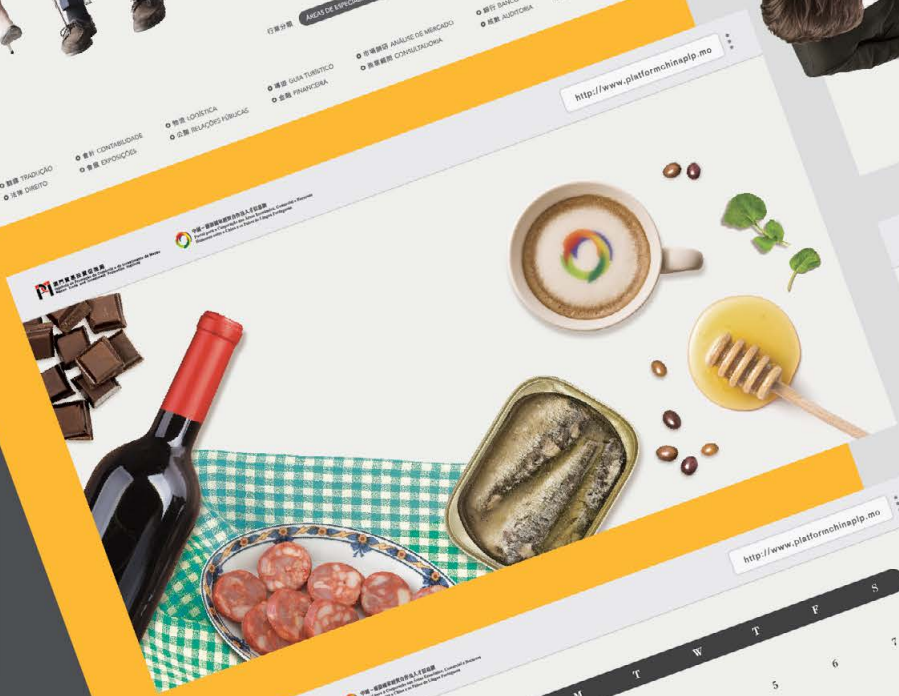
經貿信息
INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL

法規資訊
LEIS E REGULAMENTOS













主辦單位：
Entidades Organizadoras :

中華人民共和國商務部
Ministério do Comércio da República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
Secretaria para a Economia e Finanças da RAEM

承辦單位：
Entidade Coordenadora :

澳門貿易投資促進局
Instituto do Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

platformchinaplp

微信 WECHAT：中國－葡語國家經貿合作及人才信息網

WWW.PLATFORMCHINAPLP.MO

Coleccione Selos de Macau

澳門郵票 收藏

Collect Macao's Stamps

01/03/2024

澳門郵電一百四十周年

140.º Aniversário dos Correios e Telecomunicações de Macau

140th Anniversary of Macao Post and Telecommunications



集郵微信QRcode

快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491　傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo　網址 Website: http://philately.ctt.gov.mo

澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau

集郵 MACAU, CHINA 澳門 中國 FILATELIA